

VIDAS EFÊMERAS: AS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE DE ADOLESCENTES EM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA EM UM CENTRO SOCIOEDUCATIVO NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (MG)

Dayana Lourdes Silva¹

Lúcio Alves de Barros²

RESUMO

O artigo em apreço buscou apontar o que motivou adolescentes e jovens sentenciados à transgressão da lei. Eles são adolescentes acautelados em um Centro Socioeducativo da Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG). Nosso objetivo foi o de compreender a sociabilidade desses adolescentes em seu território. Todos se envolveram com o tráfico de drogas à varejo e cumprem medidas socioeducativas de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Para extração desses dados utilizamos a entrevista semiestruturada, junto à 13 jovens. A pesquisa evidenciou que a motivação dos jovens para o ato infracional, além de ser por necessidade financeira também o é pelo reconhecimento social e a inserção no mercado consumidor. O comércio de drogas vendidas à varejo se mostrou como caminho atraente para a garantia dos desejos provenientes do mercado sempre sedutor. Todavia, ficou claro o perigo, o risco e a incerteza que perpassa a vida adolescente no tráfico de drogas.

Palavras-chave: Adolescente infrator; Medida de internação; Motivação.

ABSTRACT

This study aimed to identify the motivations behind adolescents and young people sentenced to break the law. These adolescents are held in Centro Socioeducativo da Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG). The objective was to understand the social interactions of these adolescents

¹ Jornalista e Mestre em Segurança Pública e Cidadania pelo Programa de Pós-graduação / Mestrado Profissional em Segurança Pública e Cidadania da UEMG.

² Professor da FaE (Faculdade de Educação) – BH/UEMG e do Mestrado Profissional em Segurança Pública e Cidadania da UEMG. Doutor em Ciências Humanas pela UFMG.

within their community. All were involved in retail drug trafficking and are serving socio-educational measures according to the Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). The extract this data, we used semi-structured interviews with 13 young people. The research revealed that the motivation for committing the offense, in addition to financial necessity, also stems from the desire for social recognition and insertion into the consumer market. The retail drug trade proved to be an attractive path to fulfilling the desires of this ever-seductive market. However, the danger, risk, and uncertainty inherent in adolescent life within the drug trade became clear.

Keywords: Adolescent offender; Internment measure; Motivation.

INTRODUÇÃO

É de uso corrente no debate acerca da adolescência ouvir que se trata de um momento importante na vida de um ser humano, notadamente devido ao período de muitas transformações biopsicossociais, no qual se configuram identidades, crenças, normas, valores e muitos projetos de vida. Todavia, no Brasil, essa etapa se tornou sonho para boa parte das crianças, adolescentes e jovens, especialmente do sexo masculino, a população majoritária nos Centros Socioeducativos. A pesquisa em apreço diz respeito aos adolescentes do sexo masculino que estão em regime privação de liberdade cumprindo “medidas socioeducativas” em um Centro Socioeducativo na Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG). Foram entrevistados 13 adolescentes. Todas as respostas foram gravadas e nenhum respondeu fora do anonimato e de acordo com as normas previstas no Conselho de Ética da UEMG. Esse artigo é uma parte resumida de uma dissertação sobre eles.

A análise das experiências dos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas demandou a compreensão dos fatores estruturais e subjetivos que incidiram sobre as trajetórias de vida de cada um, como o acesso limitado à educação, a “desestruturação” familiar, a inserção na “criminalidade” e a estigmatização social. Assim, a pesquisa deve ser compreendida como uma oportunidade no intuito de verificar como tais adolescentes criaram vínculos, teceram relações de sociabilidade e de como foram influenciados para se renderem ao crime.

O artigo permite discutir, dentre outras temáticas, o papel das instituições, como da família, do atendimento socioeducativo e do Estado que, distante do local onde deveria estar, tem apostado - como é histórico no Brasil - no mercado em detrimento da sociedade. O artigo se concentra nas relações dos adolescentes e como eles configuraram uma rede de sobrevivência dependendo de ações marginais e perigosas.

I - QUEM SÃO OS ADOLESCENTES

Os 13 jovens entrevistados, privados de liberdade, possuíam, no momento da pesquisa, entre 13 e 19 anos, apresentando uma idade média de 17 anos e 2 meses. A maioria já exibia traços físicos do desenvolvimento do corpo revelando jovialidade, força e assertividade. O caçula Paulo, de 13 anos, era o mais pequenino, franzino e de voz infantil. Ao sentar-se na cadeira para a entrevista balançava as pernas ao ar, pois essas não alcançavam o chão. Ele destoava dos outros adolescentes que cumpriam suas sentenças com restrição de liberdade no Centro Socioeducativo de nossa pesquisa (Silva e Barros, 2022).

Os entrevistados da pesquisa, contudo ainda mostravam comportamentos de adolescentes e de “formação da personalidade”. Eram seres humanos em desenvolvimento e que - por certo - possuíam problemas em casa. É bom lembrar que o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) legitimou a idade de 12 anos como o amadurecimento da criança para a adolescência. Fato que abriu debates que nos visita até os dias de hoje: em que medida é possível mensurar o “amadurecimento” de um adolescente que está na faixa de 12 a 16 anos? Sabemos que a criança é produto do seu contexto e suas habilidades de convivência residem nas relações sociais cotidianas na família, nas ruas ou nas instituições fora de casa. Trata-se de um sério problema, pois corremos o risco de acautelar um sujeito que sequer incorporou a “socialização primária” e tampouco foi apresentada à “socialização secundária” (Berger e Luckmann, 1996). Ainda sobre esse assunto, vale mencionar o montante de erros que marcaram a história do internato. Sabemos que tanto no início da República como nos anos 1960, a criança foi tratada como um adulto em miniatura e como um possível trabalhador, tal como rezava a regra vigente do Código de 1929 (Barros e Silva, 2022).

Para não levar a efeito qualquer possibilidade de desumanizar os adolescentes entrevistados e, ao mesmo tempo, preservar as identidades, criamos um nome fictício para cada um deles. Eles estão apresentados no Quadro 1, a seguir. Os codinomes serão utilizados para que possamos identificá-los na análise das narrativas gravadas e transcritas, as quais preferimos deixar tal como os adolescentes disseram ao entrevistador(a).

QUADRO 1 – JOVENS EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE ENTREVISTADOS NO CSEX

Jovens acautelados	Idade	Cor/etnia	Residência
João	17	Preta	São João del Rei
Pedro	17	Parda	Santa Luzia
Paulo	13	Preta	Ribeirão das Neves

Rodrigo	17	Parda	São João del Rei
Antônio	19	Parda	Itabira
Rafael	16	Parda	Manhuaçu
Miguel	18	Parda	Bom Despacho
José	18	Parda	Santa Luzia
Francisco	17	Branca	Ibirité
Vitor	17	Preta	Belo Horizonte
Leandro	18	Parda	Belo Horizonte
Luiz	18	Parda	Santa Luzia
Leonardo	19	Parda	Itabira

Sobre a cor/etnia 08 adolescentes disseram possuir a cor parda, 03 se assumiram pretos e somente 01 se declarou como branco. Nenhum deles é casado, fato comum entre adolescentes que estão envolvidos com a criminalidade violenta (Batista, 2003, Soares et. al., 2005; Barcellos, 2008). Os internados que entrevistamos disseram que mantinham namoros, relações impessoais que envolviam sexo e “não” sabiam se as meninas” tiveram filhos. A maioria eram oriundos de cidades próximas à Belo Horizonte. Quanto à religião, 07 declararam “nenhuma”, 03 se afirmaram católicos e 03 evangélicos. A maioria, possivelmente não teve contato com as instituições religiosas. O que talvez não tenha forte relação com essa temática, dado que os que tiveram ligação com religiões cristãs estão passando pela mesma conjuntura de internação.

Convidados a falar sobre a vida na delinquência, os adolescentes gostavam de iniciar a entrevista descrevendo o dia a dia antes da privação da liberdade, especificamente até a medida de internação que passaram a cumprir quando presos. Esse período de vida para 6 jovens foi ruim. Dois adolescentes responderam “bom” e outros 5 disseram que havia momentos bons e ruins. O grupo também foi indagado sobre as perspectivas após o acautelamento. Leonardo e Rafael afirmaram que a vida era boa, mesmo tendo como resultado a privação da liberdade em plena adolescência. Em geral, os adolescentes que consideravam a vida ruim destacavam o sofrimento do encarceramento, as violências praticadas, o afastamento dos familiares e o envolvimento “quase certo” com a criminalidade. Algumas entrevistas são esclarecedoras:

Não agrado da minha vida, era pra eu ter mudado de vida, ter encontrado outro caminho, fui burro de ter pulado no crime. (Luiz, 18 anos)

Foi só desacerto. O crime dá dinheiro, mas vale a pena não; se for fazer a soma, somar tudo, eu fiquei um ano e pouquinho preso. Perdi amigo, me afastei da minha família, perdi quem eu gostava, só desacerto (...). (Rodrigo, 17 anos)

Eu vejo que foi ruim. Maior parte da minha vida, que eu passei, foi preso. Dos 13 anos, até agora, o que eu passei, foi preso. Não convivi com minha família, perdi a maioria da vida com eles e não é muito bom não, só isso. (Vitor, 17 anos)

Os entrevistados que perceberam um lado “bom” e outro “ruim” apontaram pontos positivos durante o período de envolvimento com os atos transgressores, como a melhoria da condição financeira e a oportunidade de desfrutar dos desejos. Essa questão foi percebida nos trabalhos de Batista (2003), no qual o envolvimento do tráfico garantia certo alívio financeiro e a possibilidade de consumo aos adolescentes envolvidos com as práticas ilícitas. Também ressaltaram a coragem e a lealdade com os “donos da boca”. Zaluar (1995, 2011) identificou nesse cenário, o etos guerreiro, revelando a iniciativa e a coragem dos adolescentes para enfrentar a polícia e o Estado. Em contrapartida, o encarceramento foi mencionado como uma parte ruim. É unanimidade entre os adolescentes que a qualidade na convivência cotidiana se tornava comprometida em decorrência do envolvimento com a criminalidade, a qual provocava conflitos, rixas, ansiedade e medo nos componentes da família. A entrevista, a seguir, é um bom relato sobre o assunto:

Tive momentos bons antes de envolver e depois teve momentos ruins, quando eu comecei a envolver. Comecei a ter mais briga com o meu pai, comecei a discussão. Minha mãe já não tinha tanta paz. Como eu chegava tarde em casa, de madrugada, quando voltava minha mãe estava acordada, esperando. Brigas familiares entre minha mãe e minhas tias. Quando eu estava morando com a minha vó, ela trabalhava, aí eu chegava lá drogado e ela não tinha dormido ainda (Miguel, 18 anos)

Conflitos pessoais marcavam tanto o “fim da felicidade”, quanto o “início para o envolvimento” com o outro. Francisco delimita essa divisão diante do assassinato do irmão mais velho, uma pessoa que amava e lhe ensinava os caminhos da vida: “Depois que meu irmão morreu, só me deu problema. Fui envolver no crime e rodei. Tô com 14 passagem, só preso (...)” (Francisco, 17 anos). É preciso lembrar que muitos adolescentes são marcados no mundo do crime, especialmente quando as ações envolvem uma quantidade razoável de dinheiro e comprometimento no campo dos segredos do grupo. Tanto que não é novidade o retorno de boa parte dos adolescentes ao crime após o acautelamento. No que se refere à vida que se estenderia após a privação da liberdade, todos ambicionavam um futuro melhor. A maioria afirmou que o trabalho era o meio para isso. Muitos sonhavam com uma família, com o(a) filho(a) para cuidar:

Um trabalho formal e uma vida mais calma, com um emprego, igual eu tinha antes, quando eu era novo. Trabalhava o dia inteiro, chegava em casa, assistia televisão e dormia. (Leonardo, 19 anos)

Pretendo sair daqui com emprego, querendo nunca mais voltar. Fácil não é, no começo é mais difícil; mas tem que tentar. (passou por entrevistas, mas não foi selecionado em nenhuma até o seu desligamento). (Vitor, 17 anos)

Em seguida, os entrevistados disseram sobre as atividades preferidas de lazer e dos seus sonhos. As distrações eleitas são parecidas com as de qualquer jovem: prática de esportes, em especial o futebol, sair e se divertir com amigos, escrever e ouvir música, usar o telefone *online*, soltar papagaio, assistir TV e passeios ou assuntos que envolviam veículos automotivos. José, além de gostar de andar a cavalo - uma paixão peculiar que vem desde a infância - destacou um novo passatempo que aprendeu com os colegas da unidade: fazer artesanatos de origami. Ele afirmou que nesse trabalho consegue se distrair e a medida socioeducativa “pesa menos”. A seguir temos o Quadro 2 sobre os jovens em relação ao lazer e desejos:

QUADRO 02 – LAZERES PREFERIDOS E SONHOS

Jovens acautelados	Lazer preferido	Sonhos na infância	Sonhos hoje
João	Esporte	Jogador de futebol	Jogador de futebol
Pedro	Ouvir música e jogar futebol	Comprar uma casa para a mãe	Comprar uma casa para a mãe
Paulo	Jogar futebol e soltar papagaio	Policial	Sair do crime
Rodrigo	Usar o telefone online e sair com amigos	Dinheiro para comprar objetos de desejo	Constituir família e trabalho formal
Antônio	Viajar e assistir TV	Engenheiro civil	Mecânico
Rafael	Andar de moto e sair com amigos	Bombeiro	Formar em engenharia
Miguel	Jogar futebol	Jogador ou treinador de futebol	Agente do socioeducativo
José	Jogar bola, andar a cavalo e fazer artesanato	Veterinário e dono de fazenda	Fazer minha mãe feliz
Francisco	Tudo que envolve carro e moto	Trabalhar	Estudar, trabalhar como mecânico e mudar a vida e a história da minha família
Vitor	Escrever música	Cantor ou jogador de futebol	Cantor ou jogador de futebol
Leandro	Jogar futebol	Cantor ou jogador de futebol	Cabeleireiro

Luiz	Jogar futebol e soltar papagaio	Jogador de futebol	Um emprego formal, constituir família e dar o melhor para a mãe
Leonardo	Desenhar e sair com amigos	Viajar pra os EUA	Tatuador

Apesar da privação da liberdade os sonhos não são enclausurados. Os adolescentes almejam uma profissão fora da criminalidade: “Sonho em ter uma família, arrumar um trampo (trabalho) bom e sair do crime” (Rodrigo, 17 anos). Por sua vez, Paulo disse apenas que desejava “sair do crime”. É claro que adolescentes não possuem a consciência de como é a vida de pobres e miseráveis em país subdesenvolvido onde a cidadania é ficção (Caldeira, 2000; Carvalho, 2001). A participação na criminalidade interrompe aprendizados sociais de socialização, autocontrole e controle. Aos poucos muitos vão compreendendo o lugar subalterno no capital social. A realidade se imprime com força na escassez de recursos da família e dos amigos e nos locais onde residem é raro os adolescentes não perceberem a distância do Estado e a precarização das condições de vida. Não ao acaso eles alimentaram o desejo de serem jogadores de futebol, mesmo a realidade lhes demonstrando que sequer a tentativa é direito. Nas entrevistas, cinco deles queriam ser jogadores de futebol, não apenas por gostarem do esporte; mas porque alcançariam reconhecimento social tal como os jogadores que já residiram em periferias e alcançaram times famosos. Somente 3 jovens não pensaram em nenhuma possibilidade profissional. Rodrigo compartilhou que só queria ter o dinheiro para alcançar a independência financeira e comprar os objetos de desejo. Leonardo (19 anos), que assistia muitos filmes norte-americanos, almejava uma viagem aos Estados Unidos para conhecer os locais das produções *hollywoodianas*. Pedro (17 anos) queria comprar uma casa para a mãe:

Nas narrativas dos adolescentes não percebemos o crime como um fim em si. Obviamente não repousa na racionalidade adolescente a ideia de ser acautelado em uma unidade sob medidas socioeducativas. A criminalidade apareceu como a “saída” encontrada para romper com o ponto da marginalidade que a sociedade produziu. É possível dizer que os adolescentes, no campo do desejo, encontraram (ou foram encontrados) uma forma “fácil” de saturação das necessidades de consumo materiais. A maioria dos jovens relatou desejos de consumir algo que os distinguíssem na vida, mas sequer possuíam as condições de compra. Os anseios eram direcionados em mercadorias de alto a baixo valor, como uma roupa para jogar bola, sair de casa, à carros e motos. Diante da impossibilidade de rotineira, os adolescentes respondiam com agressividade, tristeza, vergonha e culpa:

Queria comprar uma roupa para jogar bola; mas não tinha condição. O sentimento era de ser jogador pra dar uma televisão dessas pra dar pra minha mãe, pra ela ver, dar orgulho pra ela. Tem hora que nós sentia era culpa, não tinha como minha mãe comprar. (João, 17 anos)

Só uma moto e um carro mesmo, que eu tinha necessidade de comprar, porque de resto mesmo eu comprava tudo (com o tráfico). Eu pensava em continuar ali, fazendo dinheiro. Daquela forma que o dinheiro vem fácil, vai fácil. Tem que juntar, aí cê (você) não precisa vender as coisas, mas tava caro. (Pedro, 17 anos)

Na realidade, poucos tinham condições de adquirir o que desejavam e, mesmo nesses casos, havia uma mobilização familiar, uma união de esforços na intenção de atender aos anseios. Como vimos, os adolescentes eram naturais de Minas Gerais e cinco passaram por migrações internas com suas famílias mudando de município desde o nascimento do adolescente. Antes da apreensão dois residiam na capital de Minas Gerais (Belo Horizonte), cinco na Região Metropolitana; mas fora da capital, (Ribeirão das Neves, Santa Luzia e Ibirité) e seis no interior (São João del Rei, Itabira, Manhuaçu e Bom Despacho). Todos moravam em regiões consideradas periféricas (Caldeira, 2000).

Para as famílias dos jovens que residiam no interior, praticamente a metade deles, a distância dificultava a visita. Afirmaram que parentes e responsáveis dependiam de caronas com conhecidos ou de veículos das prefeituras municipais. Esse obstáculo, o qual compromete o comparecimento nos dias de visita, pode influenciar na manutenção ou retomada de elos familiares durante o cumprimento da sentença. Também pode gerar certa indignação e conflitos na unidade. Todavia, mesmo diante dessa dificuldade percebemos que os entes queridos, principalmente a mãe sempre procura estar presente durante o cumprimento da medida. No que pese a dificuldade elas participam e visitam mesmo de forma remota. Não notamos o mesmo engajamento por parte dos pais, os quais apresentam falta de compromisso e responsabilidade para com os filhos.

2 - LAÇOS AFETIVOS

Em meio às relações sociais dos adolescentes é claro a presença do preconceito, do soslaio esmagador proveniente de todos os lados, a solidão e a insegurança. Em geral, os adolescentes pesquisados se referiam com doçura à presença sempre marcante da mãe que dificilmente não se colocava de frente aos donos da moral local (Becker, 2008). Alguns possuíam irmãs e tentavam protegê-las quando moravam em lugares considerados perigosos. Boa parte não desenvolvia bons relacionamentos com os pais. A figura paterna aparecia como autoridade exacerbada, algo com o que se preocupar, medo constante e o peso de andar nas regras; salvo aqueles pais que contribuíram com a saída dos filhos do núcleo familiar. A responsabilidade, contudo, recaía no colo da mãe, esse lugar “sagrado” no qual reside a pessoa que ama em todas as circunstâncias. É claro que a digressão faz parte do mundo da doxa, mas que é perceptível em todas as entrevistas. Essa “figura simbólica” que na construção social da família no Brasil foi reservado ao espaço da casa (DaMatta, 1991),

absorveu o patriarcado e se submeteu ao poder do homem (Saffioti, 1992). A mãe continua a ser essa protagonista sagrada em nossa cultura. É ela que vem cuidando dos restos da família que o pai abandonou. Cabem a elas sustentar o núcleo familiar após divórcios e separações. São as mães que visitam os maridos e os filhos nas penitenciárias e que também participam dos momentos mais importantes da vida da criança, do adolescente e do jovem. Essa figura quase “mitológica” em nossa cultura recebeu os contornos da religiosidade católica que realçou o papel de Maria, mãe de Jesus, no Evangelho e nas Igrejas.

Temos nesse sentido uma explicação plausível para entender o que os adolescentes e jovens em nossa pesquisa disseram em relação à família. Essa temática apareceu como sustentáculo de segurança, um objetivo a ser conquistado e um “dever de” satisfazer a autoridade da casa. A família, a mãe, as irmãs apareceram como pessoas que garantem suporte afetivo, muitas delas tampouco concordavam com as atividades do filho na rua, tal como nos disse um dos adolescentes, e os pais, no geral, são limitados no fornecimento dessa segurança. A preocupação com a mãe é clara nas falas dos entrevistados:

(Seu desejo) comprar uma casa para a mãe. Imagino que ela sempre quis ter orgulho de nós, ter uma casa boa. Porque nós sempre moramos tipo num quintal, que tem muitas pessoas, ter uma casa própria que ela sempre queria, pra realizar o sonho do meu pai também que é ter nós, 5 filhos trabalhador. (Pedro, 17 anos)

Eu considero duas pessoas só... como minha amiga que é minha mãe e minha namorada, que eu confio em falar minhas coisas só, pros outros de fora assim..., é conhecido no máximo assim. (...) não só por causa do crime, mas eu falo de tudo. Confiança é uma coisa assim, que a pessoa acha que pra confiar em alguém, a pessoa tem que ter certeza que a pessoa tá com ela, e se um dia acontecer alguma coisa que vai infringir (sic) aquela pessoa, ela não vai te trair. (Antônio 19 anos)

Meu pai faz carreto, de vez em quando ele faz, de vem quando ele não faz. Tem vez que ele volta com dinheiro, tem vez que ele não volta. Minha mãe trabalha no sinal. Minha mãe tipo, parou de ir lá fazer faxina, porque ela teve um problema na coluna, aí ela não podia mais fazer faxina, aí é o que tinha que fazer, trabalhar no sinal. Aí ela começou a trabalhar comigo, me ajudando. (Luiz, 18 anos)

A última entrevista é bastante simbólica. Levar a mãe junto, acolhê-la no corpo, marcar a pele. Os laços familiares, antes da privação de liberdade dos adolescentes e jovens entrevistados, são fortes e a eles se entrelaçam uma série de valores familiares que foram abandonados quando tais adolescentes tiveram contato com a criminalidade. A família, como mecanismo de “socialização

primária” (Berger e Luckmann, 1996) não tem faltado em relação à uma possível segurança existente antes da contravenção do adolescente. As informações indicam que a situação de exclusão, de desigualdade social, pobreza e inadaptação aos critérios tácitos de ordem vem afetando as famílias brasileiras há muito tempo, especialmente as famílias de baixa renda e batalhadoras (Zaluar, 1985; Carvalho, 2001; Souza, 2010). As imagens e representações sobre a mãe não escapam às mentes dos adolescentes pesquisados. Dentre tantos argumentos e questionamentos em relação à família encontramos nas entrevistas coletadas:

Na infância, quando eu morava com minha mãe, ela me dava, sempre deu o que eu queria. Depois eu fui para o tráfico e comprava com o dinheiro do tráfico. (Leandro, 18 anos)

Eu dava alguns trocados para a minha mãe. Era pra gastar comigo mesmo (o dinheiro do tráfico), roupa, chinelo, cortar cabelo, gastar com mulher, esses trem assim mesmo. Eu dava pra minha mãe comprar uns trem, mas ela nunca levantou (desconfiou) de nada em casa assim, esses trem não. (Vitor, 17 anos)

Tomei três bombas no oitavo ano. Quando eu passei para o nono ano eu tive muita ajuda. Tinha uma menina lá que me ajudava muito. Prestei muita atenção no oitavo ano inteiro. Parei de ficar matando aula e saindo de sala sem permissão, porque minha mãe também estava sofrendo muito comigo. Estava indo todo dia na escola. Aí eu fui e dei uma “maneirada”. (Miguel, 18 anos)

É ponto pacífico entre os pesquisadores que o fato da “socialização secundária”, proveniente de instituições, religião, princípios civilizatórios e escolas tem falhado na socialização e criação de mecanismos de autocontrole de crianças, adolescentes e jovens. Não ao acaso, tais atores estão abandonando escolas, instituições de auxílio, igrejas e empregos precários e informais. As entrevistas delineadas revelam com rigor esse fenômeno que não é novo e que passou a fazer parte de nossa paisagem social nos anos 1980 e 1990, tomando requintes de risco e perigo com o avanço de práticas ilícitas, contravenções e o tráfico de drogas.

QUADRO 3 - PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS FAMÍLIAS DOS ADOLESCENTES ENTREVISTADOS

Jovens acautelados	Domicílio	Renda familiar (sem contabilizar a renda com a criminalidade)
João	Alugado	1 salário mínimo /5 pessoas = 0,2
Pedro	Cedido	2 salários mínimos /5 pessoas = 0,4
Paulo	Alugado	3 salários mínimos /5 pessoas = 0,6

Rodrigo	Próprio	3 salários mínimos / 5 pessoas = 0,6
Antônio	Cedido	3 salários mínimos / 3 pessoas = 1,0
Rafael	Próprio	1 salário mínimo / 3 pessoas = 0,3
Miguel	Próprio	5 salários mínimos / 6 pessoas = 0,8
José	Próprio	3 salários mínimos / 7 pessoas = 0,4
Francisco	Próprio	2 salários mínimos / 5 pessoas = 0,4
Vitor	Próprio	2 salários mínimos / 3 pessoas = 0,6
Leandro	Próprio	3 salários mínimos / 4 pessoas = 0,7
Luiz	Próprio	2 salários mínimos / 4 pessoas = 0,5
Leonardo	Próprio	2 salários mínimos / 3 pessoas = 0,6

O quadro 3 revela que a maioria dos jovens acautelados residiam em casa própria, dois em domicílios cedidos e um com aluguel. Apesar de possuírem casa própria, boa parte não residia com a família. Alguns relataram que moravam em casas de colegas ou na rua. O conflito com os pais era constante e a insegurança econômica rotineira.

Porque só minha mãe que trabalha dentro de casa e meu irmão que também, às vezes, ajuda. Minha mãe trabalha de cozinheira, deve ganhar um salário, mais ou menos. Meu pai não trabalha, porque começou a beber, começou a roubar. Ele tem 51 anos e o álcool tá tomando a vida dele, só bebe, todo dia. Cachaça todo dia (João, 17 anos).

Devido a esse e outros fatores os jovens encontraram na traficância a garantia do sustento. Mesmo diante de uma certa estabilidade econômica em relação à moradia, a renda das famílias dos adolescentes (inferiores a um salário mínimo por pessoa) não era o suficiente para o sustento alimentar. Os relatos sobre a fome aparecem em boa parte das entrevistas. Paulo apresentou relatos de fome por descaso de seu avô, com quem morava na época, após pedir à sua filha para ficar com o menino.

Já passei fome quando era mais novo. Morava com meu vô, ele bebia, aí fazia comida (só para ele) e eu ficava com fome, até que minha mãe me pegou (de volta) pra cuidar de mim. (Paulo, 13 anos)

Passar fome não...minha mãe nunca deixou faltar nada pra nós. Ela ficava com fome; mas nós não, deixava nós não. Era xaina (ruim). Abrir geladeira e só ver água, é ruim demais. Eu pensava nisso também, querer dá uma (alimentação) melhor. Depois que entrei pro crime eu fazia compra lá em casa, ajudava, comprava coisa pra minha mãe. Mas minha mãe nunca, tipo, ela não gostava não, não aceitava dinheiro não. Eu comprava na marra

e colocava lá; mas minha mãe não comprava nada de trem de droga, esses trem não. Ela mesma comprava comida pra ela, porque sabia que era de droga (Luiz, 18 anos).

O fenômeno da fome só não é maior entre os adolescentes devido ao fato de as mães deixarem de comer para garantir o básico para equilibrar as compras de casa e não faltar alimentos para os filhos. A insegurança econômica familiar redobra a atenção dos responsáveis nas atividades de trabalho. Diante da necessidade de manutenção da família, eles acabam por fracassar no cuidado com as crianças e adolescentes. Não é por acaso que muitas dos adolescentes vivem nas ruas associados a todo tipo de “marginalidade”, subemprego e trabalho informal (Gomide, 1998; BATISTA, 2003; Zaluar, 1985, 1994).

Ainda em relação aos laços familiares, 9 dos entrevistados disseram ter uma relação não conflituosa com os entes do núcleo familiar, mesmo em caso de dependência química dos pais, envolvimento com a criminalidade (que nos casos identificados sempre eram os pais ou os irmãos) e distanciamento paterno. Entretanto, o fato de a relação não ser conflituosa não garante a qualidade desses vínculos. Já os 4 que apresentavam conflito familiar, tudo indica que o fator motivacional foi a relação com o pai, seja por oposição devido ao envolvimento do jovem com a criminalidade, seja por distanciamento na relação com o filho. Metade dos entrevistados apresentavam relação conflituosa com o pai, o qual só foram conhecer na transição da infância para a adolescência.

QUADRO 4 – LAÇOS FAMILIARES

Jovens	Com quem reside?	RELAÇÃO
João	Pai, mãe e 2 dos 4 irmãos	Não conflituosa, o pai é dependente químico
Pedro	Mãe, pai, 1 dos 2 irmãos e 1 sobrinha -filha de outra irmã vítima de feminicídio	Não conflituosa
Paulo	Mãe, padrasto e 2 irmãos (pai reside em Pará de Minas)	Não conflituosa
Rodrigo	Mãe, pai, 1 irmã e madrinha	Não conflituosa
Antônio	Mãe e 1 irmã (pai assassinado no tráfico de drogas, quando Antônio tinha 13 anos – um ano depois dele se separar de sua mãe)	Não conflituosa com todos
Rafael	Mãe e 1 irmão (o pai se separou de sua mãe quando ele tinha 7 anos. Visita o pai uma vez por semana, como na infância)	Não conflituosa com todos, inclusive com o pai, que parece distante.
Miguel	Mãe, pai e 3 irmãos (chegou a morar com a avó, antes de seu falecimento, após conflitos com o pai)	Conflituosa apenas com o pai, que já foi dependente e não aceitava o tráfico.

José	Avó, 2 tias e 3 primos (decidiu permanecer com a avó quando a mãe saiu da casa dela e seus dois irmãos acompanharam a mesma; conheceu o pai com 6 anos)	Conflituosa apenas com o pai. Eles ficaram sem conversar depois de um desentendimento, quando Miguel tinha 9 anos. Após o acautelamento, estão restabelecendo vínculos.
Francisco	Mãe e 3 irmãs (pai cometeu suicídio em 2016 e irmão, sem envolvimento, assassinado em 2019, por se envolver com namorada de um traficante)	Não conflituosa. Tinha fortes vínculos com o pai e o irmão falecidos.
Vitor	Mãe e 1 dos 3 irmãos (não costuma ficar em casa – escolhe ficar a maior parte do tempo em situação de rua; o pai faleceu quando a mãe ainda estava grávida)	Não conflituosa
Leandro	1 irmão (decidiu ficar com o irmão quando a mãe foi morar com o padrasto em outro município; conheceu o pai com 14 anos, quando foi morar com ele, mas teve conflitos)	Conflituosa apenas com o pai
Luiz	Mãe, pai e 1 irmã das 3 irmãs	Não conflituosa com todos
Leonardo	Amigo (morava com a mãe, o pai e o irmão; mas decidiu sair de casa por conflitos com o pai; os pais se separaram após o suposto ato do jovem, negado pelo mesmo – tentativa de homicídio contra o genitor)	Conflituosa somente com o pai. O conflito vem desde a infância, quando ele se sentiu preterido pelo caçula e agravou-se quando passou a se envolver com drogas

O Quadro 4 revela que dos 13 entrevistados, apenas 5 moravam com o pai e a mãe. O que significava pouco diante da ausência do Pai. A mãe se fazia majoritariamente presente nos lares. No geral, os pais eram distantes, abandonaram a família ou faleceram, alguns por conta do envolvimento com a criminalidade. A maioria dos jovens tinha algum familiar que teve ou ainda possui ligação com a criminalidade. Muitos disseram que os pais, além de dependentes químicos, já tiveram passagem por roubo e por violência doméstica na polícia. Também não foram poucos os que afirmaram ter uma boa relação com o genitor. É preciso destacar que o vínculo com amigos ou colegas que tiveram ou ainda possuem ligação com a criminalidade foi unânime entre os entrevistados. Leandro (18 anos), como tantos outros adolescentes, tinha colegas envolvidos com o crime. O seu pai, com quem chegou a morar por um tempo na adolescência - mas teve pouco contato durante a vida - foi preso por 157 (roubo), no mesmo dia em que o jovem foi recolhido para o encarceramento na medida de internação. O genitor morava em um bairro nobre de BH: “Depois que eu sai da casa dele, não tive mais contato. Aí, quando eu rodei (foi detido), meu pai foi preso. Ele rodou por causa de 157. Eu não fiquei sabendo, porque ele foi e eu fui preso também. É a primeira vez que ele foi preso” (Leandro, 18 anos).

Apesar do envolvimento de familiares com a criminalidade, são os amigos e colegas mais velhos que se destacaram como os principais influenciadores para a iniciação no tráfico. “Os meus

amigos não significam nada; mas meu primo representa muito (Miguel, 18 anos)”. A fala de Miguel mostra que mesmo não sendo majoritária, a influência dos familiares era significativa, por esses representarem um significado mais pungente. Vitor viu o irmão iniciar no tráfico como estratégia de proteção, já que o mesmo estava sendo ameaçado por uma gangue. Ele passou a cobiçar as coisas que o irmão conseguia comprar e sua mãe não tinha condições de lhe oferecer.

Moro com minha mãe. Meu pai morreu minha mãe tava grávida de mim. (Como você trabalhou essa ausência?) Com meus irmão cuidando de mim, porque minha mãe trabalha muito, aí minha irmã foi cuidando de mim. Depois, meu irmão e minha irmã casou, depois meu outro irmão começou a envolver. Eu tava vendo minha mãe me dando os trem e meu irmão com outros e ficava olhando, me baseando mais nele com os trem. Eu via e queria ter a mesma coisa. Aí, foi influência, além dos amigos do meu irmão, que eu via também. Agora ele saiu, nem tá nessa vida mais e eu não quero mais não. (Vitor, 17 anos)

Meu irmão levou também, porque nós dois era unido. Entramos juntos. Ele representa várias coisas, quando eu precisei de dinheiro aqui, quando eu preciso lá fora também, ele me ajuda. (João, 17 anos)

A influência familiar e de amigos não foi o bastante para a inserção no tráfico à varejo. Alguns adolescentes disseram que entraram devido ao desejo de “justiça” e vingança. Eles achavam que, ao se envolverem com a criminalidade, conseguiriam punir os responsáveis pela morte de parentes. Antônio (19 anos), por exemplo, disse que entrou para o tráfico para vingar a morte do pai, o qual também era envolvido e foi assassinado por um colega após conseguirem muito dinheiro com o roubo de uma casa.

Pelo meu pai ter morrido por conta do crime me influenciou sim, por ter se envolvido também. Eu pensava em vingar a morte dele, aconteceu na covardia, era um amigo dele. Os cara ficava na favela com ele. Na melhor hora, o cara foi lá e matou ele por dinheiro. Eles foram roubar uma casa e acertaram muito dinheiro, na hora de divisão dos bens o cara matou meu pai. (Antônio, 19 anos)

O que influenciou foi a morte do meu irmão (assassinado em 2019, por se envolver com a namorada de um traficante). (Francisco, 17 anos)

Os 13 jovens já perderam na criminalidade alguns amigos, responsáveis e familiares, os quais foram vítimas da violência e do uso ostensivo de armas, há muito presentes nos embates com a polícia ou outros grupos visando tomar o território. Os conflitos com os rivais comerciais no tráfico de

drogas, dificilmente não são baseados em crueldade e humilhação. O mesmo podemos dizer com a polícia que, não raro negociam ou entram em conflito com grupos organizados de traficantes.

Amigos tem vários casos. Um morreu com cinco tiros na cara, outro morreu com uns dez tiros na cabeça, outro tomou um tiro na cabeça por civil, outro que a mulher deu facada nele, outro os cara deu tiro também, um tanto (...) (Luiz, 18 anos)

Meu primo tomou 5 tiros de 9 (calibre 9mm) nas costas, dos alemão (inimigos) deles lá da quebrada dele. Amigo eu perdi muito também, porque já teve guerra antigamente. Eu tinha um colega que era gerente da favela e meu patrão confiava em outros cara fora da favela. Ele ofereceu uma moto pros cara. Os cara pegou a moto e não queria pagar. Meu colega (que era o gerente) foi lá na quebrada deles pegar o dinheiro do meu patrão. Os cara foi e matou ele, aí começou a guerra. (Rodrigo, 17 anos)

3 – A LIGAÇÃO COM O TRÁFICO DE DROGAS

A média de idade para os primeiros atos autodeclarados transgressores pelos entrevistados, independente de registro policial, foi de 13 anos. Na contramão desse índice estava Paulo. O mais jovem do grupo, também foi o mais prematuro na criminalidade e contou que já roubava aos 7 anos e com 9 passou a traficar: “Entrei para o tráfico com 9 anos, com 9 eu já tava no meio deles (os traficantes) ...roubar... roubar... desde pequeno, desde os 7” (Paulo, 13 anos). Sabemos que os atos praticados por jovens não são considerados hediondos, dado que a maioria não envolve o atentado à vida. Em casos minoritários de homicídio, por se tratarem de atos mais gravosos, os jovens acabam sendo encaminhados para uma medida socioeducativa com privação de liberdade, o que ocorreu com os adolescentes dessa pesquisa. A maioria dos entrevistados afirmou que o primeiro ato de transgressão da lei foi o envolvimento com o tráfico de drogas. No geral, as outras ações giraram concomitantemente em torno do comércio das drogas, furtos, roubo para pagar uma dívida a um cumprimento de uma determinação de punição e execução. Executar um homicídio nas regras tácitas do tráfico de drogas à varejo pode significar prestígio, segurança e estabilidade nos negócios informais do crime; também desperta a admiração do grupo e o temor dos que se opõem ao agressor. Os jovens acreditavam que ao provocarem a “sensação de temor”, poderiam ter as vítimas “pensando bem antes de qualquer atitude” imprudente contra eles e/ou seus negócios. Ao descreverem os envolvimento pretéritos, apenas aqueles que respondiam por homicídio ou tentativa, contabilizaram esses atos contra a vida em seus relatos. É possível que os outros não tenham confessado a prática com receio de uma futura retaliação judicial, mesmo tendo sido esclarecido que a finalidade das informações

era somente para a pesquisa. Mas, ainda que não seja viável afirmar, podemos inferir que a maioria se envolveu em relações que lhes predispunham ao ato. José resume bem esse contexto.

Tipo assim, foi tranquilo (o homicídio). As vezes a gente, como a gente é mais novo e eles fala esses trem de matar, a gente pensa: ah, eu quero ir. Falamos: não, eu que vou dessa vez. Você já foi numa cena (para uma execução), agora deixa eu. A gente tipo gosta dessas coisas. A gente acha assim que nós matando vai ser mais falado. O nosso pensamento de nós que é menor. É pra ganhar mais conceito, essas coisas. (José, 18 anos)

Dos praticantes de atentados à vida, Antônio era o único que apresentava arrependimento por pensar que não era o correto: “Valeu não (matar), porque a gente não mata ninguém por dinheiro não, sério mesmo. Valeu não, só cadeia, só problema e dor de cabeça” (Antônio, 19 anos) O restante dos entrevistados aparentava frustração somente pelo fato de estarem encarcerados. A maturidade natural, a qual traz novos elos afetivos e perspectivas pode ter ajudado, já que ele e Leandro eram os mais velhos do grupo, ambos com 19 anos. Apresentando resultados de estudos internacionais (Austrália, Finlândia, Alemanha e Israel), Rolim (2006) faz uma correlação da transgressão com uma maneira de “ser jovem”, apontando que os atos alcançam uma expressão maior na adolescência, tendendo a declinar *a posteriori* e cessar na sequência, por volta dos 18 anos, quando estes encontram outras formas de mostrar que devem ser tratados com respeito e também estabelecem vínculos mais fortes e estáveis socialmente, com filhos, parceiros, etc. E, seja para prestígio, defesa pessoal, uso para a práticas delinquentes mediante ameaça ou uma possível execução, possuir uma arma era objeto de desejo de todos. Rafael compartilhou que chegou a adquirir uma antes mesmo de entrar para a criminalidade, apenas por gosto.

Antes eu nem traficava, só tinha a arma mesmo. Eu tinha uns 14 anos. Consegui a arma em troca de um cordão de prata. Escondia no quintal. Minha mãe não sabia. (Rafael, 16 anos)

Tentei uma vez assaltar né; mas deu errado. Os homi (policiais) parou nós na rua. Meu irmão fugiu e eu fiquei pra trás, aí os homi pegou eu. Perguntou aonde nós tava indo e eu falei que nós tava indo pega muié (mulher). Nós tava indo era assaltar a moça. O dinheiro era pra nós comprar uma arma (João, 17 anos)

Em relação à capacitação para o manuseio desse material letal, não há um treinamento focado para isso. Ao contrário, trata-se de um processo de aprendizagem amador e de iniciativa individual, onde o jovem busca colegas - que já possuem algum tipo de experiência com o manuseio de armas - para obtenção de conhecimento. A propriedade desse material ocorre de formas distintas. A

arma tanto pode pertencer ao jovem, quanto pode ser emprestada pelo “patrão” (detentor do controle do tráfico de uma ou mais regiões, geralmente periféricas) aos seus “funcionários” de confiança para proteção dos negócios, ou até por um outro proprietário, o qual pode ou não obter lucro ou outra barganha em cima dos crimes praticados diante desse empréstimo. No último caso, o lucro de quem cede o material pode ser negociado mediante o cálculo de comissões em cima do ganho financeiro obtido com a ação desviante na qual a arma foi empregada. Antônio nos exemplificou essa negociação:

Rola muito isso também. Vamo supor, assim, você foi roubar e não tem uma arma, aí o cara vai e te fala assim: “Vou te emprestar uma arma, mas eu quero 20% do que você roubar. Qualquer coisa eu quero 20%, se você for roubar um telefone, 20%, se você roubar um carro, 20% do carro”. O valor depende do cara. (Antônio, 19 anos)

(Questionado sobre a possibilidade de desistência desse empréstimo) ...se for desistir, você devolve a arma o cara. Mas se você roubar com ela e não pagar o cara, com certeza ele vai ficar curioso, porque você foi lá pegar a arma do cara. É como se fosse um agiota. Você gasta o dinheiro do agiota e depois fala que não quer mais? Tipo, é sem lógica você não usar uma coisa. Tipo assim, o cara te alugou. Depois você não querer mais? (Antônio, 19 anos)

Em caso de perda da arma do “patrão” em ação policial ou qualquer outra circunstância, ele afirmou que tinha a responsabilidade do ressarcimento. Caso fosse por conta da rotina inerente ao trabalho no tráfico, inexistia a cobrança; mas nas situações de descuido do “funcionário”, a indenização devia ser paga. Os entrevistados deixaram claro que a pessoa ao entrar para o tráfico tem que estar disposta não somente a matar; mas também a morrer em decorrência do ofício. Antônio descreveu esta predisposição e disse que o medo da morte era inexistente. Esse receio aparece, segundo o jovem, em meio a pensamentos temerosos, que sucumbem aos sentimentos de raiva e às regras do comércio de entorpecentes. Os adolescentes entrevistados deixaram claro que o risco da morte está sempre à espreita, dia a dia.

Eu nunca senti medo da morte. Tipo assim, é claro que a gente tem que temer a morte; mas chega um certo período da vida que a gente não tem medo. Eu falo por mim, se for pensar por mim, assim, eu penso: se eu morrer e pá? Mas em outros momentos a gente fica cego, mano. O ódio é sujo! Você bota fé? Quem vive nesse mundo faz a vontade dele mesmo. Então, tipo assim, a morte é o de menos. (Antônio, 19 anos)

(Por que você saiu do tráfico e foi para o roubo?) Por causa da guerra na quebrada. É, eu já quase morri. Já quase tomei tiro lá. Cansei de sair já. Tipo, mesmo assim eu moro lá

ainda; mas eu saía, ia lá, roubava, voltava, queria voltar para o tráfico, depois saía de novo, aí roubava. Porque as vezes não deixavam você roubar, aí eu entrava no tráfico por um tempo, depois eu comecei a ficar só roubando. (Vitor, 17 anos)

Entre os jovens entrevistados, boa parte ainda não havia passado por nenhuma das 6 medidas socioeducativas previstas no ECA e já foram direto para a internação, isso porque respondiam por crimes graves: 5 crimes contra a vida (homicídio e tentativa) e 1 tráfico com emprego de arma de fogo. São nesses casos que o ECA ainda não avançou. Sem a possibilidade de manutenção e monitoramento da liberdade assistida, ou uma pena alternativa, a possibilidade de internação aumenta, levando, por consequência da não ação prévia, a casos considerados mais graves pelos juízes (Paula, 2006, 2011, 2014):

A maioria dos jovens disseram que trabalharam em atividades informais antes do envolvimento com o crime. Eles haviam tentado outros ofícios: vendedores de picolé, doces e roupas; lavadores de carros; ajudantes de pedreiro ou serventes; auxiliares de mecânico; repositores de supermercado; manutenção de computadores e até a lida na fazenda. A maioria dos entrevistados tentou possuir renda por outras vias, para além dos atos transgressores, sendo que apenas dois deles trabalharam com registro formal. O restante foi por meio dos populares “bicos” (trabalhos esporádicos e sem vínculo empregatício), muito comum entre a população brasileira. Um dos adolescentes descreveu, inclusive, que chegou a conciliar a venda autônoma de roupas com o comércio de entorpecentes. Apenas 3 entrevistados entendiam a criminalidade como uma forma de emprego. A maioria discordou, dado que o trabalho era ilegal, de risco e sem registro.

Apesar de a maioria não entender a criminalidade como emprego, alegaram que ficavam longe dos empregos por vários fatores: falta de qualificação; idade insuficiente para emprego formal – “que pagasse bem”; distância de casa; falta de oportunidade e desembaraço com as pessoas. Todos disseram que “o crime paga mais”. Entretanto, ficou claro que o “gosto” não era pela criminalidade em si; mas por tudo que ela proporcionava no sentido de aquisição e prestígio. Como aponta Rolim (2006), devido ao risco da ação, os jovens nos atos ilegais podem demonstrar destemor, audácia e habilidades reconhecidas em alguns grupos, propiciando a sensação de inclusão. Em diversas subculturas, apanhar da polícia ou receber uma condenação judicial pode trazer prestígio ao ator.

Nas falas dos adolescentes são perceptíveis a reprodução do machismo social atrelada à reprodução da violência e do patriarcado. O fato não deixa de ser um mecanismo no sentido de afastar a imagem de adolescente substituindo-a pelo o de sujeito “macho”, “violento” forte e crescido. Rolim (2006) destaca que a busca pela autoafirmação também perpassa pelo uso das drogas, do álcool e

dos lazeres noturnos, que subjetivamente estão atrelados à ideia de se portar como um adulto. E não faltam narrativas que revelam em larga medida, a ação que, no geral, são efetuadas por adultos:

Depois que você mata os outros, essas coisas, depois que você pega os outros de pancada até os outros ficar mole, aí você pensa assim: Como é que eu saio da criminalidade com essas pessoas assim? Tem um ditado que o moço mais velho falava com a gente: “Sempre vai ter alguém por alguém”. E, se você matou, vai ter uma pessoa por aquela pessoa que você matou. Aí, isso fazia nós pensar: como é que eu vou sair do crime? Eu já fiz tanta coisa ruim (...). Aí, isso leva nós nesse fato também (se manter na criminalidade). Você fala: eu saindo da criminalidade vou ficar de boa. Aí, a pessoa que eu já fiz ruindade, ela, tipo, vai pensar: agora que é a hora de pegar fulano. É a hora exata. Aí, a gente pensa dessa forma também. No começo você acha que é bom. Aí, depois, você vê que não presta; mas não é fácil sair não. (José, 18 anos)

(Não tem idade) Não tenho 18 anos para um trabalho registrado (Rafael, 16 anos)

(Falta de qualificação) Na minha realidade é difícil de arrumar emprego agora. Começou esse negócio de jovem aprendiz. Tem que estudar, fazer um curso, aí agora tô estudando e fazendo isso aí. (João, 17 anos)

(Falta de oportunidade) Eu queria muito arrumar um emprego; mas é difícil. Estão tentando arrumar um pra mim (a equipe técnica do CSERN) e acabou que até hoje nada. (Francisco, 17 anos)

Os adolescentes alegaram que na busca por trabalho sofreram pela falta de qualificação, mas que se esforçaram muito nos antigos ofícios. No tráfico eles tinham que manter a segurança e ainda traficar, mas tinham e sabiam do controle e das represálias futuras derivadas dos atos ilegais nos quais se envolveram. O quadro 5, a seguir, é esclarecedor:

QUADRO 5 – RENDA MÉDIA DENTRO E FORA DA CRIMINALIDADE E FUNÇÕES DESEMPENHADAS

Jovens acautelados	Renda média mensal declarada do trabalho antes de entrar para a criminalidade	Renda média mensal declarada do trabalho na criminalidade	Função desempenhada na criminalidade
João	Menos de um salário	Quatro salários	Gerente e vapor
Pedro	Menos de um salário	Cinco salários	Gerente e vapor
Paulo	Menos de um salário	Dois salários	Vapor
Rodrigo	Menos de um salário	Treze salários	Gerente
Antônio	Menos de um salário	Treze salários	Gerente

Rafael	Menos de um salário	Dez salários	Gerente
Miguel	Um salário	Dois salários	Vapor
José	Menos de um salário	Dois salários	Vapor
Francisco	Não trabalhou	Dois salários	Vapor
Vitor	Não trabalhou	Três salários	Roubo
Leandro	Menos de um salário	Dois salários	Vapor
Luiz	Um salário	Onze salários	Vapor
Leonardo	Menos de um salário	Três salários	Vapor

Em relação ao trabalho, os adolescentes que trabalharam antes da entrada no mundo do crime recebiam menos de um salário mínimo ao mês. Diante da insegurança social e civil, os traficantes apareciam como “pessoas que conseguiram mais”, pessoas que desafiavam a manutenção do “status quo” e do conformismo social. O tráfico de drogas apareceu como alternativa prática para a conquista dos objetos de desejo de consumo e de afirmação no mercado laboral. A criminalidade, em especial o tráfico a varejo, trouxe outras perspectivas financeiras. Os ganhos apresentados chegaram a ser espantosos. Diante da renda média dos trabalhadores brasileiros o tráfico realmente é tentador e se apresenta como uma forma de demonstrar status e reconhecimento. Mesmo em atitude desviante, os jovens atuam como qualquer adolescente que possui a necessidade de reconhecimento em seu grupo (Becker, 2008, Rolim, 2006). Entendem que adquirir certas mercadorias de consumo é o bastante para impor respeito e fomentar admiração no lugar que vivem. As mulheres também eram enumeradas em meio aos objetos de desejo e apareciam como mercadorias passíveis de ostentação e virilidade:

(Renda com tráfico) Eu e meu irmão tava tirando um dinheiro bom. Nós tava pegando uns 300 real por dia, pra cada. (Pedro, 17 anos)

(Renda com roubo) Ganhava 800/900 reais por dia. Eu roubava tudo: telefone, correntinha de ouro, esses trem assim. Sempre tinha um comprador já, conhecido. Perdia bastante o valor, vamos supor, um Moto G 6, não sei quanto é na loja, deve ser uns 1.000 e pouco, aí os outros pagava uns 600. Era bem desvalorizado. (Vitor, 17 anos)

(Renda com tráfico) Na gerencia era por dia mesmo. Depende de quando que os menino vende. Tipo assim, na biqueira que eu trabalho lá, trabalhava, tem dia daquele naipe (outro nível). Aí, já era de Deus. Tinha dia que dava 800, tinha dia que dava 1.000. (Rodrigo, 17 anos)

(Renda com tráfico) Tinha também a parte do patrão. De R\$900, era R\$400 dele e R\$500 meu. (Miguel, 18 anos)

O poder, a ostentação, o querer mulher, esses trem. O cara fica rico mesmo. O cara quando tá na posse de uma arma, o cara tá rodeado de parceiro dele, o cara só quer ter status,

porque ele é o cara. E quem tá de fora vê isso aí e acha é uma coisa que é normal, pensa que é fácil. Depois que entra uns gosta, uns passa necessidade. Mas acho que adrenalina e poder é o que mais leva isso aí, porque no crime você praticamente pode tudo.” (Antônio, 19 anos)

Entretanto, como lembrou Miguel nessa última entrevista, está claro que o cálculo de ganhos no tráfico não corresponde fielmente ao apresentado pelos garotos. Percebemos que a movimentação financeira é tamanha que eles perdiam a noção do tamanho dos ganhos e dos recursos gastos desconsiderando o valor percentual que deviam repassar ao gerente. Esse valor é aproximadamente 50% do arrecadado. O restante o adolescente faz o que quiser, desde que tenha alcançado o valor combinado com o “patrão”. Bom lembrar que não entra na contabilidade os “derrames” (pegar a droga e não pagar) com a clientela e as perdas nas abordagens policiais. Miguel ainda esclarece, com outros jovens, essa dinâmica:

Na mesma hora que você acha que tem tudo; não tem nada. Talvez você tá ali, ganhando, ganhando, ganhando... você pode ganhar mil reais vendendo droga, mas os mil real não é seu. É tudo do patrão. Eu pegava cinquenta dola (trouxinhas de entorpecentes), trezentos reais do patrão, duzentos real é seu. Hoje em dia se não faz nada com duzentos reais. E tipo assim, quando cê tá conseguindo seus trem, a polícia vai lá e te pega. Não tem mais nada. É muito difícil cê pega seu dinheiro e conseguir comprar coisa, tipo roupa pro cê. Cê quer é gastar com mulher, pegar mais droga, arma pro cê. A maior parte fica com o patrão. (Miguel, 18 anos)

No caso do pó eu tirava uns R\$400 por semana, só nosso, que era carga de 35, você acertava 250 e 100 era seu. E, tipo, numa sexta-feira só, tinha como você vender umas 3 carga. Aí, se desse as 3, você tira 300 reais, aí é seu, aí a nota você separa os 250 e separa pra dar pro patrão. A pedra também era a mesma coisa. Na maconha, como eu usava, meu lucro eu fumava, nós, meus amigos, fumava. Nós não tirava lucro na maconha, só a do moço mesmo. (José, 18 anos)

Tinha dia que eu fazia mil reais num dia, tinha dia que eu voltava com 500/700 real, era variante. Pegava com os cara lá na quebrada. Aí, eles me passava as droga e eu vendia, aí eles ficava tipo com metade. (Luiz, 18 anos)

Tudo indica que a gestão do local de traficância produz suas próprias regras; mas percebemos que há um acordo “justo” em relação ao ressarcimento das perdas. Vale frisar que os jovens relataram que as cobranças em relação ao prejuízo de drogas perdidas não eram executadas quando ocorriam por conta da rotina do trabalho, apenas nos casos de irresponsabilidade pessoal, assim como ocorria com as armas.

Mas aí vem prejuízo também, de vez em quando eles (os policiais) queima, quando eles não quer perder o tempo deles na delegacia. Aí o patrão falava que quando era polícia ele não cobrava. (José, 18 anos)

Caso o vapor (vendedor varejista da boca de fumo) não pague o derrame, aí tem um desembolo (desenrolar um conflito). Depende, se ele não pagar a gente vai querer saber o que aconteceu: se ele perdeu a droga, se ele usou ou se alguém roubou. Ele tem que dar conta do desembolo dele, tem que falar a real, o que aconteceu (...) se ele perder pra polícia, ele não precisa pagar. Agora, vamos supor, se ele perder, se ele entocar a droga dele em algum lugar, aí ele vai lá e esquece o lugar que ele entocou, aí é mole do cara. Né? Aí tem que pagar. (Antônio, 19 anos)

Durante as entrevistas, conseguimos identificar cinco cargos citados pelos jovens na estrutura do tráfico onde atuavam. O “esquema” é hierárquico e piramidal: em primeiro vinha o lugar do patrão, depois a atividade de gerente, vapor, aviãozinho e atividade (olheiros) respectivamente. A estrutura é mais flexível e dinâmica do que a organização mencionada por Dowdney (2003, p. 49-53) em seu estudo sobre crianças no tráfico do Rio de Janeiro. A função de soldado, destacada pelo autor, não apareceu em nenhum relato das entrevistas dos jovens mineiros. Era inexistente esse personagem como segurança armado, o qual recebe um salário fixo mensal para defender o comércio de entorpecentes. Entretanto, essa atividade era compartilhada pelos integrantes que exerciam as diferentes funções, sendo que a efetividade de uma ação de defesa ordenada pelo patrão pode servir de subterfúgio para galgar uma promoção.

(Era vendedor autônomo – comprava no dinheiro para venda isolada) Mas se estourasse guerra lá, era pra eu tá lá, fechado com os cara, dar tiro, matar ou morrer. (Luiz, 18 anos)

(Vendedor autônomo) Não tinha patente, porque eu num seguia escala de comando. A droga que eu pegava, pagava no dinheiro e mexia pra mim mesmo. Aí eu podia trabalhar na droga da forma que eu quisesse. (Leonardo, 19 anos)

Igualmente, como é de praxe nas empresas formais, a progressão não é rígida e independe da competência para o cargo; mas de relações de amizade por anos com colegas e amigos. Também era levado em consideração a rede de contatos e as habilidades do adolescente que, em certo momento poderia estar na posição de gerência. Muitos, sem habilidades nas relações, precisavam demonstrar confiabilidade e talento para exercer a função. Luiz e Leonardo atuavam como vendedores autônomos. Não precisavam seguir as ordens diárias. Mantinham parceria com os gerentes para vigiar os pontos de comercialização e de defesa, caso fosse preciso. No entanto, mesmo para os que

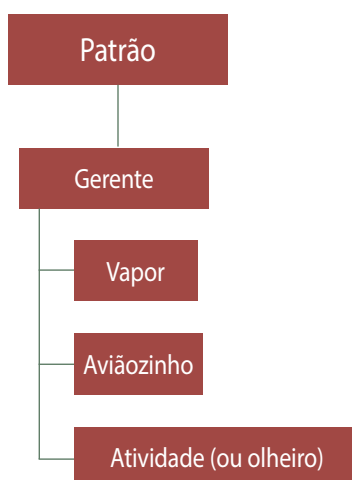
atuavam dentro da hierarquia, no geral as atividades eram flexíveis e um integrante podia exercer mais de uma função. O vapor costumava fazer a “dolagem” (empacotamento das drogas) e o gerente também podia vender: “Cada boca tem sua regra” (Pedro, 17 anos).

A maioria dos entrevistados atuava nas vendas varejistas como vapor. Muitos operavam no “cargo de gerente”, sendo poucos os que casavam essa função com as vendas no varejo - em geral nos tempos de ócio, buscando complementar a renda. Para os entrevistados, o organograma terminava no patrão. Desconheciam o funcionamento e o arcabouço atacadista. A maioria sabia apenas que os traficantes (os patrões) tinham os contatos para armas e a garantia das drogas e que os materiais chegavam de fora: das facções. Inclusive, não percebemos nenhuma associação dos adolescentes entrevistados com as denominadas organizações criminosas.

Comecei com aviãozinho, depois passei pra vapor. Os mais baixo é os atividade, que fica gritando lá. Eu não entrei assim não. Quando os polícia vem, aí os atividade grita: Sopa! Isso aí é o mais baixo de todos. Depois vem o aviãozinho, que é entregar as carga. Depois do aviãozinho passa pra pista, que é pra vender a droga, que é o vapor. Depois tem a gerência. Ali você tem que gerenciar né, as droga, os trem tudo. Acima é os paizão, os paizão mesmo, os patrão tudo. (Francisco, 17 anos)

Tal como no mercado formal, as habilidades pessoais também são importantes e aproveitadas no tráfico. Conforme explanado pelos entrevistados, abaixo do patrão está o gerente, o qual cuida da contabilidade financeira e da intermediação do dinheiro e o material entre patrão e equipe. Os adolescentes que afirmaram que já foram “vapor” ou cargos inferiores, angariavam a gerência da biqueira por conquistar a confiança do patrão e por suas habilidades com os números. Durante as entrevistas, os adolescentes faziam diversos cálculos matemáticos para saber o custo e o prejuízo das operações com o tráfico. Ação aparentemente fácil e feita com certa rapidez e certeza para não facilitar para os donos da boca. A figura e as explicações a seguir, revelam em certa medida o que os entrevistados destacaram como importante:

FIGURA 06 – ORGANOGRAMA DO TRÁFICO



Patrão: cargo superior autônomo que comanda uma região específica, com diferentes biqueiras (pontos de venda). Pode morar ou não na localidade. É responsável pela aquisição de drogas, armas e todos os materiais necessários para o trabalho. Detentor da palavra final nas decisões do comércio e na relação com a comunidade. Normalmente não tem contato direto com os profissionais atuantes nas bocas de fumo. Posto aparentemente ocupado por pessoas mais velhas que o público desse estudo – nenhum entrevistado ocupava essa função. Todos jovens disseram que “patrão” era entendido como um cargo exercido por homens. Em alguns casos o patrão estava preso ou já tinha sido preso, mantendo o comando mesmo na cadeia. De acordo com os adolescentes entrevistados não é raro que exista uma divisão de tarefas em chefias diferenciadas no intuito da organização e desenvolvimento do tráfico. A narrativa a seguir revela a “divisão” da gerência e dos atores que administravam o processo:

É dois patrão que tinha, dois mano, só que um tava preso e um tava solto. Aí, através do que tava preso, mandava a droga pro irmão dele, que tava solto. Quando chegava, ele contava a droga e falava comigo (gerente): Zé, tem tanto de droga aí, você vê o que que vai trabalhar e passa pros cara. Aí, eu contava tudo certo que tinha, passava tudo certo pra ele e pros guerreiro vender. Patrão é o cara que manda na favela. O dono da favela. Todas as ordens vêm dele. Todas ordens que ele vai dar passa por mim (gerente) e eu passo pros demais. Vamos supor que ele fala: Tá rolando isso e isso na quebrada (região) e eu não tô agradando, dá ideia na rapaziada. Aí, eu falo com os cara: Zé, o cara de óculos (o patrão) mandou falar isso e isso e isso e mandou falar que não tá agradando. Aí, o cara

fala comigo, porque nós têm que tomar alguma decisão. Isso aí vai descendo os carinhas (a hierarquia). Mas o cara, que é o cara de óculos (o patrão), nunca vai colocar a cara dele. Ele é o cara que tem o contato de tudo que você precisar: de arma, droga e munição (Antônio, 19 anos)

Gerente: detém a função de contato direto com o patrão, recebe os materiais adquiridos pelo mesmo e distribui a carga conforme suas orientações, gerenciando o estoque entregue e as finanças de pagamentos, prejuízos e lucros diários. Pode receber salário fixo ou comissionado. É ele também quem faz a interlocução entre o patrão e a equipe. Como previamente citado, eventualmente, alguns gerentes também exercem, paralelamente, a atividade de vendas por interesse nas comissões.

Eu era gerente, pegava a droga e passava pra todo mundo. O gerente é o que tem mais comunicação com o patrão. O que vai no patrão, o que pega a carga, a droga com o patrão, que recolhe o dinheiro todo e leva pro patrão. Eu passava recolhendo e vendia também. Ficava na esquina sozinho lá e os menino (que atuavam como vapor) ficava em outro lugar. (Como gerente recebia salário fixo?) Era fixo, eu ganhava o meu que era pro dia, 100 real por dia, só de eu passar (a droga). Aí, dependendo do dia eu pegava mais (com as vendas). Eu pegava o meu e a mais - fazia minha carga (Pedro, 17 anos)

Gerente gerencia a droga, o dinheiro, a contabilidade do crime, e manda tudo pro cara (o patrão) (...) Distribuía as droga. Por exemplo, o gerente te dava 50 dola (trouxinhas de entorpecentes), aí cê vendeu vinte. Ele anotava que cê vendeu vinte, o preço que cê vendeu e quantos que ele te entregou. Aí, cê entregava o dinheiro e ele também anotava qual o valor que cê entregou ele (Miguel, 18 anos)

Vapor: responsável pela venda direta aos clientes das bocas de fumo, lucra por comissão e recebe comandos diretos do gerente. No geral, é um cargo exercido por jovens dispostos a atuar nos casos de defesa dos negócios. Esse, inclusive, era o cargo proeminente no grupo entrevistado.

(Atuava como vapor) Eu ficava na biqueira e as drogas ficavam escondidas no meio do mato. Aí, os caras chegava lá, nós corria e entregava eles. Chegavam de a pé, de carro (...). Tinha dias com muito movimento; outros eram mais parados. Eram pessoas de toda classe social. Tinha pessoas que usavam crack, que chegavam lá toda hora. Colega meu já chegou a pegar computador. O cara foi na casa dele, tirou o computador da casa dele e levou o computador lá. O cara deu ele quatro papelzinho de pedra. (Miguel, 18 anos)

Eu ficava vendendo droga. Comecei como aviãozinho. (Mora em Ibirité, mas atua em uma comunidade de BH, pra não correr o risco de se envolver com quem matou seu irmão. O caso ainda é investigado e os autores não foram identificados). (Francisco, 17 anos)

Aviãozinho: atores responsáveis pela guarda e realização de movimentações do trânsito local da droga a pedido do gerente ou do vapor. Podem ter um rendimento fixo ou receber por entrega realizada. A função normalmente é designada a pessoas que não chamarão a atenção da polícia, como mulheres, usuários de drogas, crianças, pessoas religiosas, conhecidos e moradores antigos da região. Em geral, essas pessoas escapam do padrão da clientela da polícia. É notório que, propositalmente, eles jogam com a prática policial e trabalham com “pessoas discretas” na clara tentativa em “enganar” a polícia. Para isso conseguem apoio das crianças, de outros adolescentes, mulheres, pessoas idosas e usuários de drogas que acabam por participar nas atividades de “aviãozinhos” e “atividade”.

O gerente tem o aviãozinho dele, que fica lá guardando a droga pra ele, depois ele pega. Porque o patrão entrega na mão do gerente, pro gerente guardar; mas só que ele tem medo dos homi (os policiais) pegar na mão dele. Aí ele deixa na mão do aviãozinho, pra ele entocar (esconder) lá. Aviãozinho (...) se pegarem você com muita droga é um prejuízo, se os homi (os policiais) vim atrás de você, tem que correr de qualquer jeito. Mesmo se eles atirar em você, perto de você. Você tem que continuar correndo! Às vezes você acha um noiado (drogado) na rua e ele vai e faz um aviãozinho pra você, na hora que você precisa. (João, 17 anos)

Eles (o patrão e o gerente) deixava pessoas que é mulheres e veado (termo pejorativo para homossexuais, transgêneros...), que a polícia não pega. Não para direito. Nós é mais assim, tem a característica de homem, os polícia para mais nós assim, por causa da roupa que a gente anda. Aí, a gente procura mais pessoa dichavada (melhorada). Assim, mulher, e veado fazem corre de várias armas na mochila, passam na frente de polícia e nada de ser parado. (José, 18 anos)

Atividade (ou olheiro): ficam em pontos estratégicos das regiões de atuação e informam à equipe a chegada de policiais ou grupos rivais. Para isso, utilizam rádio, foguetes ou outros meios de contato, como mensagens por celular e pipas no ar. Para não chamar a atenção da polícia, é costume a escolha de dependentes químicos de confiança para o cargo.

Não comecei como atividade porque se você deixar passar (não informar a chegada da polícia), você morre. Às vezes, cê acha um noiado, paga pouco e ele fica lá pra você; mas fica assim, no beco, lá. Aí, eu dava um dinheiro a mais pro cara, porque querendo ou não o cara tinha que comprar

alguma coisa pra vestir, alguma coisa pra ele comer. Ele tava morando na rua, aí eu dava pra ajudar. Normalmente era morador de rua, viciado. Ele consegue ter o alerta pra polícia, porque a polícia não para ele pra dar rock (batida); mas se eles ver nós bem vestido lá na hora, é claro que vai parar nós. Vai perguntar o que nós tamo arrumando aí, no meio do mato, mas o noiado não, se os homi tiver perto de um viciado, eles não vai parar, porque ele tá ali, usando a droga dele. (E como ele informa que a polícia chegou?) Pelo rádio. (E se não informar?) Pode morrer, mas é raro acontecer. Porque a polícia quando vem, passa devagar, passa olhando assim, vendo as coisas. (João, 17 anos)

Meu papel era vender, era vapor. Aí, quando nós tava de guerra, só colocava nego de atividade (na região). Nós ficava num outro lado, só que vendendo armado, se vinha polícia, eles falavam: polícia tá descendo rua tal. Ia gente lá comprar droga e eles falava: tem um cara estranho indo aí comprar droga. Aí, a gente ficava mais atento. (José, 18 anos)

Antônio, um dos que atuavam na gerência do tráfico, compartilhou um pouco do funcionamento do fluxo da sua unidade de comércio de entorpecentes. Consoante as suas palavras, “o patrão pega a carga pelo menor valor do grupo e determina como o gerente irá distribuir o material”. O gerente, é claro, “ganha um valor” ao repassar a mercadoria à “equipe de vendas” e lembra que alguns jovens recebiam um valor fixo na gerência. Os que atuavam como “vapor”, embalavam as frações recebidas e estipulavam os seus preços para a venda conforme a “estratégia pessoal de movimentação”. O adolescente envolvido com a traficância acaba por ganhar pelo “volume de vendas”, com preços mais competitivos ou efetuando vendas maiores e inflacionadas para determinados usuários.

Por exemplo, o patrão, que tem os contatos, fala: vou pegar 10 quilo de maconha e quero que você põe 5 aí na pista pra vender e deixa 5 guardado pra vender no quilo. Eu vou fazer o que o cara falou, vou pegar 5, vou picar e vou jogar na pista, na mão dos guerreiro. E os cara vai desembolar a droga e vai me passar certinho, e me falar: Zé, fiz isso, isso e isso. Vamos supor que cada quilo saia a 800 reais, era preço muito barato pra ele (o patrão), ele me passava a 1.200 e eu passava pros cara (vapor) a 1.500. Quando eu conseguisse vender 3 quilos, 900 real já era meu. Vai do guerreiro, o que ele vai trabalhar no movimento dele, vamo supor que eu já passo a droga pra ele picada e contada, quem vai fazer a distribuição, quem vai fazer o “dolamento” é o cara, o cara que vai vender na pista. O cara que tá lá pista, ele que vai preparar a droga dele, vender a droga dele do jeito que char que vai dar mais lucro. Ele escolhe: ou tem mais lucro e menos curió (clientes usuários) ou mais curió e menos lucro. Vai com do cara. (Antônio, 19 anos)

Apesar da autonomia para o preço da mercadoria, os jovens que atuavam como vapor tinham um prazo para a venda do material e repasse do dinheiro arrecadado e não podiam deixar as bocas de fumo ao relento. Alguns usuários têm o contato direto do gerente e até do patrão e fazem a reclamação quando não encontram o vendedor no ponto de venda. Para que a droga não estrague e acarrete prejuízo aos negócios, a equipe precisa ter comprometimento e vendedores são cobrados por renderem menos do que outros no mesmo ponto de clientela.

Tem que ter responsabilidade, uma semana chegou mercadoria, na outra semana já tá chegando outra. Vai chegando e não pode acumular. Vamos supor, tá eu e você aqui vendendo uma droga, eu já vendi a minha e já tô na segunda bomba - fala bomba que é a carga que os cara pega. Eu já vendi minha primeira e vou entrar na segunda. O cara (o patrão) vai querer saber porque que eu tô vendendo mais que você, sendo que a biqueira é a mesma. Não bate a lógica. Vai chegando mercadoria nova, encalhando a velha e acumula droga, estraga, perde. Perde, dependendo da droga perde. Igual, se nós pegar 10 quilo de maconha, 5 nós enterra, assim que enterrou a droga, no máximo 4 ou 5 dia tem que tá com ela praticamente toda vendida, se não dá muito desperdício. (Antônio, 19 anos)

Bons comerciantes, os quais tomam cuidado e pagam em dia, conseguem descontos nas transações, porque fazem com que o giro do estoque não encalhe e garantem o pagamento para os distribuidores que comercializam direto com o patrão. O patrão, conseqüentemente, também pode receber esses benefícios com seus contatos, ao cumprir o mesmo fluxo de responsabilidade.

Eu e o patrão pega a droga na conexão, depende de mim mandar o dinheiro pra ele, pra ele quitar o cara (o que vendeu para o patrão), pro cara mandar mais mercadoria. Quanto mais responsável for, mais barato vai pegando a droga, mais lucro vai ter. Vamo supor que você comece hoje, a droga vai sair pra você com o preço X. Vamo supor, 25 de pó, o cara vai te vender a 800 reais, se toda vez você for pegando 800, 800, umas 4 vez direto, que você tá só pegando droga com nós, o cara fala assim: o cara é responsa, paga, quita certinho, vamo dá um desconto pra ele. Depois o cara vai falar assim: vi que você tá certinho aí, vi que você tá daquele naipe (excelente) com nós. Vou te passa a droga agora a 700. E assim a tendencia é abaixar até o cara ter um preço padrão, que nós não vai sair no prejuízo; mas vai tá ganhando lucro também." (Antônio, 19 anos)

Miguel revelou que no seu ponto de vendas a mercadoria que mais saía era o crack e a cocaína. Essa questão seguiu o que revelou as pesquisas e os relatos de pessoas que conseguiram navegar na trama do tráfico (Soares *et al*, 2005; Zaccone, 2004, 2007; Dowdney, 2003, 2005). Miguel disse

que possuía clientes de várias regiões, tanto no interior como fora do bairro. Mesmo comercializando ele não deixava de comentar o mal que o crack fazia ao corpo do cliente. Todavia, “não adiantava aconselhar” e muitos conhecidos acabaram por utilizar a droga.

O que mais vendia era pedra (crack) e cocaína. A metade do bairro era usuário de pó ou de pedra. Maconha saía pouco. Tínhamos clientes do bairro e fora do bairro. Os da rua mesmo pegam mais pó e maconha. Os outros pegavam mais pedra. Tinha gente que você falava: não usa pedra não. Mas ia lá, buscava uma pedra e voltava ainda. (Miguel, 18 anos)

Os adolescentes que atuavam no comércio das drogas, por serem da região, configuraram elos com a comunidade desde a infância e buscavam respeitar os moradores; não apenas pelas relações de confiança em anos; mas também porque a vizinhança pode atuar como proteção em caso de necessidade. Segundo Antônio as decisões do patrão também perpassam a política da “boa vizinhança”. Os moradores deviam ser respeitados e ouvidos quando algo os desagradasse, como o uso de drogas na frente de crianças, uma ação condenável no código de ética dos grupos atuantes. O que nos chamou a atenção é que, apesar do elo com a comunidade eles falavam como se os moradores fossem apenas os terceiros, os trabalhadores. Raramente eles se incluíam nessa condição.

Quando avaliamos a aplicação do dinheiro obtido na criminalidade percebemos que a lógica do modelo machista e patriarcal na ação dos jovens infratores. Em geral, eles incorporavam em casa a figura masculina, “o macho” da casa sempre presente nas famílias da região onde moravam. A questão é tão certa que o número de mulheres no tráfico, a despeito do aumento nos últimos anos, é irrisório (Athaíde, C.; Bill, MV, 2007; Barros, 2020). Contudo, os adolescentes entrevistados relataram a dificuldade para tomar frente no protagonismo da renda familiar e prestar o apoio as suas mães e irmãs. Reagiram não apenas pelo hedonismo presente na faixa-etária, mas também, porque, no geral, os jovens contam que muitos componentes da família “rejeitavam” o dinheiro proveniente do tráfico. Aos olhos do senso comum, tudo pode parecer uma questão de mercado, de compra e venda ou de relações de trabalho atípicas e ilegais. Contudo, o tráfico a varejo é perigoso e apesar de trabalharem com poucas quantidades na venda e na entrega aos usuários, os adolescentes passavam a ter comportamentos agressivos, violentos e cruéis. No entanto, para Zaccone (2004), tais adolescentes não passam de pessoas pobres, vulneráveis socialmente e politicamente. São “acionistas do nada”, verdadeiros indivíduos que, presos no desconhecimento e na cegueira das relações de poder, potencializam uma atividade que é largamente seletiva e condenatória no direito penal (Batista, 2003, Zaccone, 2004, 2007). No quadro 6, a seguir, temos como os jovens entrevistados empregavam o dinheiro proveniente do tráfico:

QUADRO 6 – APLICAÇÃO DO DINHEIRO ANGARIADO COM A CRIMINALIDADE

Jovens acautelados	Aplicação do dinheiro angariado com a criminalidade
João	Compras para a casa, aluguel, drogas, vestimentas e mulheres
Pedro	Vestimentas, festas, drogas e compras para casa.
Paulo	Drogas, bebidas, vestimentas, correntes de prata e festas
Rodrigo	Vestimentas, drogas e moto
Antônio	Mulher, festas, drogas e arma
Rafael	Festas, drogas, mulher e arma
Miguel	Festas, drogas e arma
José	Arma, drogas, festas, correntes de prata e moto
Francisco	Arma carro e drogas
Vitor	Vestimentas, drogas, mulheres e compras para casa.
Leandro	Vestimentas, festas, drogas, moto e compras para casa.
Luiz	Vestimentas, moto, drogas, carro e uma casa
Leonardo	Festas, drogas e vestimentas

Os três jovens que conseguiram destinar parte do dinheiro para as compras de casa costumavam alegar para as mães que haviam conquistado o montante por meio de trabalho temporário. A maioria dos entrevistados se mostraram preocupados com a família:

Comprava alimento pra dentro de casa, umas roupas pra nós usar, pro meu irmão, minha irmã. Nós colocava coisa dentro de casa pra alimentar (E sua mãe perguntava de onde vinha o dinheiro?) Perguntava, falava que nós trabalhava na rua mesmo, ajudando os outros. (João, 17 anos)

Comprava alimento lá pra casa, meu pai tava viajando na época. Tudo que tava faltando, que minha mãe pedia, eu comprava; mas sobrava mais para mim. Minha mãe perguntava sobre o dinheiro; mas eu falava que tava pegando uns bicos (trabalhos esporádicos) na rua. Falava que tava trabalhando, sempre escondia por causa da necessidade. (Pedro, 17 anos)

Mesmo tendo a responsabilidade com a família, Pedro deixou claro em sua fala que a maior parte da verba é destinada para a aquisição de itens para consumo próprio. E também João, assim como todos os entrevistados, não colocavam as aquisições mais supérfluas de lado. O gasto, no geral, era destinado às festas, camisas, tênis e calças de marca, armas, drogas, correntes de prata, carros e motos - comumente comprados com receptadores de furto e/ou roubo. Nos dias de hoje o sentido

da vida pode facilmente ser encontrado na própria existência confundindo a busca do prazer e a realização de desejos por meio do consumo, com a noção de felicidade, que, dentro dessa lógica, é uma “grife” (Rolim, 2006).

O valor também era investido na conquista de mulheres. Algumas meninas conseguiam usufruir do dinheiro do tráfico, sem se comprometerem afetivamente com os entrevistados.

Com mulher eu gastei um bucado (quantidade) também, mas depois de um tempo eu larguei de ficar com a menina e comecei a seguir minha vida sozinho. Roupa também usava, umas roupas de marca, que custa 100, 150 real. Antes eu comprava roupa pra mulher também, mas depois eu abandonei, porque um cara também tava atrás de mim, querendo me matar. Ele foi preso porque matou um cara lá e agora nós dois tá preso. (João, 17 anos)

Arma, droga, baile funk, correntes roubadas e 1 moto 125 roubada. Mas ela não durou muito tempo. Quando nós ficava sabendo do boato: Policia me parou, eles tá caçando uma moto tal, de modelo e placa tal. A gente sabia que ia dar ruim e abandonava ela. Não tinha cabeça para ajudar em casa (José, 18 anos)

No geral, os jovens e adolescentes entrevistados contavam que o dinheiro “se esvaia”, “sumia” ou “acabava rápido demais” nas compras que faziam para serem inseridos nos grupos afetivos. Somente Luiz, mesmo mantendo consumos extravagantes, conseguiu comprar uma casa com o dinheiro do tráfico. Afirmou que pensou no futuro e em Deus:

Comprei roupa de marca, tudo de marca, moto, carro (...) Tive isso tudo, graças a Deus. Graças ao crime, ne? Comprei minha casa no crime, pensei: Vou ter que comprar uma casa aqui, quando que eu sair do crime eu tenho ela, posso vender (...). (Luiz, 18 anos)

Eu tive uma arma que eu comprei com o dinheiro do tráfico, só isso. O menino que ficava com ela perdeu ela para a polícia. Aí eu não tenho mais nada. (Miguel, 18 anos)

Do jeito que vem rápido (o dinheiro com o tráfico), ele vai mais rápido ainda. Porque é um dinheiro que vem de uma coisa que não presta. Aí, pra mim, do jeito que vem, vai mais rápido ainda. Você faz é mais de 2 mil real por dia com a droga e, por dia, você gasta mais de 2 mil real. (Pedro, 17 anos)

Os entrevistados destinavam parte do montante arrecadado no tráfico para a compra de drogas. Apesar de perceberem a política de criminalização e não a médico-sanitária, normalmente aplicada à classe média ou superior, todos eles declararam dependência química. A idade média

para o início do uso de drogas foi de 12 anos e 5 meses. O tabaco (o cigarro) e a maconha eram as principais drogas de início do ritual de uso. A maioria dos adolescentes começou pela maconha, cerca de metade deles apontaram para o cigarro e a minoria se rendeu ao álcool. Paulo novamente se apresentou como o mais prematuro nesse quesito:

Cigarro eu usei com 7 anos. A maconha eu fumei com uns 9. Cerveja e cheirar (cocaína) foi já com meus 12 anos. (Mas não tem uma regra na comunidade que você não pode usar droga na frente de criança?) É, tinha, só que eu fumava de manhã, antes de eu sair para a escola. Tinha um amigo meu que todo dia eu passava perto da casa dele, todo dia ele tava na porta da casa dele fumando, e ele deixava eu fumar. (Mas as pessoas viam isso e não se importavam?) Era de manhãzinha, tinha quase ninguém na rua.” (Paulo, 13 anos)

A inserção dos jovens no “mundo das drogas” se deu por meio da influência de “amigos”, “familiares” ou por momentos de angústia e ansiedade profundas. Para os adolescentes, tal como para os adultos, as drogas funcionavam como forma e meio de sair da realidade, como “válvula de escape” ou “tapa-buraco”. Luiz, por exemplo, de forma controversa, iniciou o uso de maconha aos 13 anos, “para esquecer os problemas” advindos da dependência da mãe com o crack.

Eu usava pra esquecer daquele momento do uso de drogas da minha mãe, que estava usando pedra. Eu usava maconha pra esquecer do momento e acabei viciando. Ela parou, graças a Deus.” (Luiz, 18 anos)

O cigarro eu pegava do meu pai, pegava escondido dele. A maconha foi minha irmã, quando eu era pequeno, ela deu pra mim e pro meu irmão que tá preso também. (Pedro, 17 anos)

Comecei o uso da maconha por causa da influência dos meus amigos também. Eu estudava em uma escola que ninguém usava nada, eram mais tranquilos. Depois fui para outra que alguns fumavam maconha, quando eu comecei a fumar. O menino que eu andava muito com ele, que eu considerava um irmão, também fumava muita maconha. Nós começou junto! O meu primo também. Nesse início ele me influenciou (Miguel, 18 anos)

A iniciação no uso das drogas também aparece correlacionada ao começo da atuação no tráfico. Tal como evidenciou outras pesquisas (Zaluar, 1985; Dowdney, 2003; Batista, 2003; Zacccone, 2004, 2007; Barros e Silva, 2022), a maconha é a droga principal nesse sentido. O seu uso é tão comum que os adolescentes e jovens sequer escondiam sua utilização. O uso da droga, dentre várias possibilidades, tornou-se uma forma do jovem tentar se portar como uma pessoa adulta em busca de respeito, reverência e reconhecimento social. Paulo deixou bem claro essa temática: “Eu via os

outros que usava e eu achava graça. Era coisa de adulto. Eu achava legal, tinha respeito” (Paulo, 13 anos). Na realidade, todos os entrevistados usavam algum tipo de droga diariamente. O quadro 7, a seguir, é esclarecedor:

QUADRO 7 – USO DE DROGAS, FREQUÊNCIA E IDADE DE INÍCIO

Jovens	Uso de drogas	Drogas consumidas e frequência do uso	Idade que iniciou	Primeira droga
João	Sim	Tabaco (10/dia) Maconha (2 /dia) Cocaína (2/dia) 12 anos Álcool (finais de semana)	Tabaco (9 anos) Maconha (12 anos) Cocaína (12 anos) Álcool (sem informação)	Tabaco 9 anos
Pedro	Sim	Tabaco (4/dia) Maconha (13/dias) Álcool (finais de semana)	Tabaco (11 anos) Maconha (13 anos) Álcool (15 anos)	Tabaco 11 anos
Paulo	Sim	Tabaco (5/dia) Maconha (2/dia) Álcool (diariamente) Cocaína (Já fez uso)	Tabaco (7 anos) Maconha (9 anos) Álcool (12 anos) Cocaína (12 anos)	Tabaco 7 anos
Rodrigo	Sim	Maconha (diariamente) Tabaco (20/dia) Álcool (diariamente)	Maconha (12 anos) Tabaco (13 anos) Álcool (13 anos)	Maconha 12 anos
Antônio	Sim	Maconha (diariamente) Tabaco (15/dia) Álcool (esporádico)	Maconha (13 anos) Tabaco (14 anos) Álcool (sem informação)	Maconha 13 anos
Rafael	Sim	Tabaco (20/dia) Maconha (diariamente) Cocaína (esporádico) Álcool (finais de semana)	Tabaco (14 anos) Maconha (14 anos) Cocaína (15 anos) Álcool (15 anos)	Tabaco 14 anos
Miguel	Sim	Maconha (8/dia) Tabaco (10/dia) Cocaína (esporádico)	Maconha (15 anos) Tabaco (sem informação) Cocaína (sem informação)	Maconha 15 anos
José	Sim	Maconha (4/dia) Tabaco (4/dia) Álcool (esporádico)	Maconha (13 anos) Tabaco (sem informação) Álcool (sem informação)	Maconha 13 anos

Francisco	Sim	Maconha (diariamente) Álcool (esporádico)	Maconha (15 anos) Álcool (sem informação)	Maconha 15 anos
Vitor	Sim	Maconha (5/dia) Loló (diariamente)	Maconha (12 anos) Loló (14 anos)	Maconha 12 anos
Leandro	Sim	Maconha (constantemente) Tabaco (10/dia) Álcool (constantemente) Cocaína (sem informação) Loló (sem informação) Bala (sem informação)	Maconha (15 anos) Tabaco (16 anos) Álcool (12 anos) Cocaína (sem informação) Loló (sem informação) Bala (sem informação)	Maconha 15 anos
Luiz	Sim	Maconha (diariamente) Bala (diariamente) Doce (diariamente) Loló (diariamente)	Maconha (13 anos) Bala (sem informação) Doce (sem informação) Loló (sem informação)	Maconha 13 anos
Leonardo	Sim	Álcool (esporadicamente) Maconha (diariamente)	Álcool (14 anos) Maconha (15 anos)	Álcool 14 anos

Apesar de não serem majoritárias, outras drogas foram citadas além do álcool, tabaco e maconha: como o “doce”, a “bala”, cocaína e “loló”. O loló é o nome popular do conhecido lança perfume, um item famoso dos antigos carnavais, que foi ganhando novas roupagens com o tempo. Hoje, o entorpecente barato pode ser inalado com diferentes aromas: morango, uva, chiclete, dentre outros. Todos entrevistados disseram que combinavam pelo menos dois tipos de drogas. Leandro é o que apresentava o maior número de combinações (seis): maconha, tabaco, álcool, cocaína, loló e bala. A dependência química por certo interfere na manutenção do trabalho e dos estudos. Alguns jovens, disseram que enfrentaram dificuldades de concentração nas atividades laborais e escolares.

Comecei a chegar muito drogado no serviço. Lá no supermercado tem um depósito. Tinha duas horas de almoço. Eu deitei lá e dormi. Acordei com eles me chamando. Aí eu fiquei lá mais duas semanas e eles me mandaram embora. Não estava conseguindo trabalhar. Estava muito lento, por conta da maconha. (Miguel, 18 anos)

O fato é que os adolescentes - nas possibilidades de sociabilidade - não percebiam o acolhimento e respeito. Ao contrário, comentaram sobre acontecimentos de exclusão, preconceito e indiferença. Muitos deles não se sentiam reconhecidos pela sociedade. Eles afirmaram que eram tratados como desajustados, diferenciados e excluídos. Nas palavras de Soares *et al* (2005, p. 176):

O preconceito provoca invisibilidade na medida em que projeta sobre a pessoa um estigma que a anula, a esmaga e a substitui por uma imagem caricata, que nada tem a ver com ela, mas expressa bem as limitações internas de quem projeta o preconceito. Por isso seria possível dizer que o preconceito fala mais de quem o enuncia ou projeta do que de quem sofre, ainda que, por vezes, sofrê-lo deixa marcas

Soares *et al* (2005) vai mais longe e deixa claro que a invisibilidade rouba a possibilidade de reconhecimento da subjetividade. O reconhecimento é a relação onde o outro não é entendido como coisa, matéria ou mercadoria, mas sim como alteridade, diferença que possui o mesmo direito da existência. É colocar-se no mundo como ator cognoscente com a capacidade de mudar o real e ser modificado conscientemente. De todo modo, não é raro a percepção de comportamentos voltados à busca de aceitação e reconhecimento por parte dos adolescentes e jovens em vulnerabilidade social. Em tempos de sociedade do consumo, a roupa de marca, o boné “da hora” e o dinheiro no bolso para eles não é pouca coisa. Muitas ações negativas e positivas faziam parte do mosaico de interações que os adolescentes se sujeitavam no intuito de possuir reconhecimento e respeito. Alguns chegaram a mencionar que não havia interesse em aparecer. Contudo, a maioria apontou para a importância dessa relação, vejamos:

Na minha quebrada lá todo mundo me reconhece, parece que eles têm é medo de mim. Por causa desse homicídio que aconteceu com a pessoa lá. Na cadeia, toda hora que os cara fala assim: Cê conhece o (e citam o apelido do jovem)? Todo mundo já sabe quem que é. (Rodrigo, 17 anos)

Para o mal, sim. Muita gente olha e fala: Fulano, a vida que ele vive. Aquele cara é perigoso. Não anda com aquele cara. Outras pessoas te olha com outros olhos, com medo, com respeito, sei lá. No crime a pessoa tem que impor respeito. Na vida honesta a pessoa tem que fazer o certo, respeitar todo mundo e viver a vida dela de uma forma que não vai infringir ninguém. Sei lá, acho que o reconhecimento é a fama, do que você quiser. Tem gente que tem muita fama. Tem gente que tem fama de assassino, tem gente que tem fama de prostituta. A sociedade julga as pessoas de muitas formas. (Antônio, 19 anos)

O reconhecimento veio pelo tráfico; mas veio também bem antes, desde a época que eu trabalhava na fazenda. Eu tava sempre passando ali (no bairro) de manhã, vendendo leite

na rua, com meu cavalo. Todo mundo me conhecia por causa disso também. Eles via eu trabalhando desde cedo, brincava comigo, essas coisas assim. Eu novo, em cima de um cavalo, vendendo leite na rua. (José, 18 anos)

Os adolescentes concordaram que a criminalidade traz ou já trouxe prestígio social em meio aos grupos de afeto. O dinheiro arrecadado e o próprio ato transgressor ajudaram no processo de visibilidade:

Acho que o reconhecimento vem pelo dinheiro. Na maioria das vezes que a pessoa possui um cargo alto, não é um cargo social, tipo que ajuda as pessoa, tipo um trabalho voluntário. (Leandro, 19 anos)

Traz sim, *status* (prestígio) e mulheres Tipo o patrão, todo mundo quer ser igual os cara. Quem vê ele passando assim, igual eu me inspirava também, via meu patrão só com roupa de marca, arrumado (...). E falei: O que ele tem eu também quero ter. Mas traz *status* e tristeza. Algumas menina vem também, veem que nós tem dinheiro. (Rodrigo, 17 anos)

Respeito. Tinha uma época aí, quando eu era mais novo, o povo desacreditava da gente, pensava que a gente era bobo. Tá ligado (entende)? Uns já tinha tentado se aproveitar de várias situação. Hoje em dia é diferente, hoje em dia as pessoa pensa duas vezes antes de mexer com a gente. Pessoa vê que você tem coragem, tem disposição de fazer muita coisa, aí a pessoa pensa duas vezes antes de fazer alguma coisa. (Antônio, 17 anos)

Sim, mas paga-se caro por isso. Tipo assim, na hora do início você acha que é top (legal), mas quando vai chegando pro meio você fala: O que eu fui arrumar da minha vida? Por que que eu fui mexer com isso? É o que você pensa. Você se arrepende, mas não é fácil sair depois que você comete (assassinato). (José, 18 anos)

Traz. Demais! Traz moto, qualquer moto que você quiser, você tem. Qualquer coisa que você quiser, você tem. Uns idolatram você, outros rejeitam. Tinha menina que gostava e tinha menina que não gostava. Conheci minha namorada lá no crime, ela não gostava e pedia pra eu sair; mas só que eu enrolava, empurrava com a barriga, falava que ia sair e agora fui preso. (Luiz, 18 anos)

4 - O ESTADO E OS JOVENS

As falas dos entrevistados nos apontam inúmeras ações equivocadas do Estado, mas focaremos aqui nas questões de saúde, educação e a relação com a polícia. Os jovens, quando entram para a medida de internação, comumente chegam sem nenhum acompanhamento médico. No geral, eles só passam a ter acesso real à saúde pública após serem recolhidos pelas instituições corretivas,

principalmente quando se deparam com os profissionais que fazem o acompanhamento da atenção primária dentro das unidades e os encaminhamentos especializados. Eles demonstraram existir certo desinteresse na busca ativa por atendimentos médicos quando estavam em liberdade; mas é preciso entender também o quanto já é custoso esse acesso no Brasil para quem busca e se interessa. Talvez, inclusive, venha daí a falta de empenho: o desinteresse em perder o dia em longas filas para passar por uma triagem, a qual, possivelmente resultará em um atendimento para outro dia.

Importante deixar claro que não estamos falando aqui da falta de comprometimento dos profissionais das unidades de saúde pública, os quais já demonstraram inúmeras vezes o heroísmo ao trabalhar com recursos escassos. Tais trabalhadores operam milagres com os poucos recursos da unidade. Prova disso foram as atividades diuturnas durante a pandemia, quando se empenharam para salvar o máximo de vidas; mesmo diante de toda irresponsabilidade e corrupção governamental. É disso que estamos falando: dos recursos desviados que não chegaram e da sobrecarga de trabalho que adocece. E por mais que os profissionais se esforçassem ao máximo, dificilmente conseguiriam fazer o melhor dos atendimentos. O que dizer das ações de mobilização para a conscientização e acolhida do público juvenil desinteressado, os quais sequer são considerados como grupo de risco? Quando em liberdade, os jovens passavam somente pelo atendimento de urgência. José sentou na cadeira de um dentista pela primeira vez aos 18 anos, após ser recolhido na medida de internação.

Nesse sentido, como a saúde, a educação foi igualmente desconsiderada como política pública para esses jovens. É unânime entre eles as reclamações referentes às limitações e comportamentos que atrasaram ou os levaram a evasão escolar. Eles eram alfabetizados; mas dois tinham restrições com leitura e escrita. Para alguns jovens, a pandemia foi um ponto determinante para a evasão escolar, dado que prevaleciam nas relações escolares elos fragilizados, bem como dificuldades no acompanhamento do aprendizado remoto. O quadro 8 relaciona os jovens de acordo com as possibilidades abertas no campo da política pública:

QUADRO 8 – USO DE DROGAS, FREQUÊNCIA E IDADE DE INÍCIO

Jovens	Sabe ler e escrever?	Quando apreendido, estava frequentando a escola?	Série matriculada na unidade?	Idade	Abandono antes ou depois dos atos infracionais	Qualidade da relação com professores e alunos
João	Com limitações	Não	8º e 9º Ensino Fundamental	17	Depois	Boa

Pedro	Sim	Não	7º Ensino Funda- mental	17	Antes	Boa
Paulo	Com limita- ções	Não	5º Ensino Funda- mental	13	Depois	Conflituosa
Rodrigo	Sim	Não	1º Ensino Médio	17	Depois	Boa
Antônio	Não	Não	1º Ensino Médio	19	Depois	Conflituosa apenas com a direção
Rafael	Sim	Sim	6º e 7º Ensino Funda- mental	16	Não se aplica	Boa
Miguel	Sim	Não	1º Ensino Médio	18	Depois	Conflituosa
José	Sim	Não	6º e 7º Ensino Funda- mental	18	Depois	Boa
Francisco	Sim	Sim	9º Ensino Funda- mental	17	Depois	Boa
Vitor	Sim	Não	8º e 9º Ensino Funda- mental	17	Depois	Conflituosa
Leandro	Sim	Não	2º Ensino Médio	18	Antes	Conflituosa
Luiz	Sim	Não	7º Ensino Funda- mental	18	Depois	Conflituosa
Leonardo	Sim	Não	2º Ensino Médio	19	Depois	Boa

Dos 12 jovens que haviam abandonado a escola, dez se envolveram primeiramente com os grupos transgressores e depois interromperam os estudos. Apenas dois fizeram o movimento contrário. Pedro diz que começou depois da dependência química e do ócio, provocado pelo desligamento da escola e do trabalho: “Foi em 2019 mesmo que comecei. Eu já fumava os trem já (drogas), quando eu fui sair da escola. Eu trabalhava em uma oficina mecânica, aí eu fui e saí. Comecei a ficar

mais tempo em casa e depois me envolvi. (Pedro, 17 anos). Luiz sofreu a influência do pai para deixar os estudos. Apesar do desejo da continuidade seguiu o caminho mais conveniente: “Meu pai viu que eu não queria mais com os estudos e ele falou pra eu parar. Eu tinha uns 15/14 anos. Já tinha envolvido no crime, mas eles não sabiam (os pais). Eu fingia que ia pro sinal e ia pro crime, pra biqueira”. (Luiz, 18 anos). Apesar de a escola ter sido abandonada pela maioria dos entrevistados, notadamente depois do envolvimento com grupos transgressores, notamos que havia uma fragilidade anterior com as instituições de ensino. Metade dos jovens e adolescentes entrevistados apresentavam relações conflituosas no ambiente escolar. Muitas vezes, o uso de drogas ou outros conflitos não eram mediados no interior das dependências de ensino; mas sim por meio do acionamento policial. José diz que a relação com a escola já estava frágil desde o início do uso da maconha: “Já não estava boa (a relação com a escola). Quando decidi traficar, parei de vez” (José, 18 anos). Quando as relações com os profissionais da escola são conflituosas e não existe o reconhecimento, tampouco o interesse de diretores e professores como ponto de apoio para resolução de conflitos, os jovens acabam por solucionar o problema a seu modo e julgam da forma que acham correto.

Na contramão da fragilidade dos elos escolares, a defasagem escolar possivelmente acaba por atuar como mecanismo justificador da ligação do jovem aos transgressores. Sem grandes possibilidades de relações saudáveis que podem lhes garantir emprego e alguma qualificação, os adolescentes em vulnerabilidade social acabam por ver suas oportunidades reduzidas, principalmente quando se tornam mais velhos e a sociedade lhes cobra a inserção no mercado de trabalho. Aos 18 anos, José ainda estava no ensino fundamental e diz que o atraso no ensino foi um dos determinantes para que ele não rompesse o vínculo com o tráfico de drogas, o qual prometia ganhos expressivos e não exigia qualquer qualificação formal: “Eu ficava pensando também, eu não tava estudando direito. Eu pensava: Nó! Vai ser difícil eu arrumar um emprego, até eu ficar de maior, aí foi o que me levou também (a permanecer no tráfico)” (José, 18 anos). Já nas relações com a polícia, os jovens entrevistados não encontraram apenas a inércia e o abandono do Estado; mas a violência seletiva e cruel apontada por Zaccone (2007). O trabalho repressivo da polícia selecionava seus alvos e focava nos atores que se encaixavam no estereótipo já histórico e aceito socialmente pelos policiais:

A seletividade punitiva, que se expressa através dos processos de criminalização e primária e secundária – quando o Estado escolhe politicamente quais as condutas consideradas como crimes e quais as pessoas que irão responder por essas condutas – revela a operacionalidade real do sistema penal. (Zaccone, 2007, p. 127).

Essa seletividade ganhou reforço nas eleições de 2022, quando o esforço de punição pelo simples encarceramento do público jovem, voltado obviamente somente aos que atendem aos critérios estigmatizantes, virou promessa de campanha de um dos candidatos. Novamente se tornou matéria da mídia a redução da maioria penal para crimes hediondos praticados por jovens de 16 e 17 anos, o endurecimento das penas para crimes violentos e o aumento do encarceramento. Tais discussões sobre a redução da idade penal no Brasil, para Rolim (2006), é “perda de tempo” e até ameaça, pois, “a depender dos resultados dessa experiência, muitas coisas poderão piorar em seu prognóstico” (Rolim, 2006, p. 179).

Não é por acaso que os adolescentes em vulnerabilidade social (pessoas pardos e negros, com baixa renda, reduzida escolaridade e moradores de áreas periféricas) se tornaram há tempos, notadamente no final dos anos 1970 e início de 1980, a clientela privilegiada e alvo das ações violentas do Estado. Jovens brancos, de classes sociais economicamente elevadas, são abordados de forma muito distinta nas ações policiais. Questionados sobre as violências já sofridas, a maioria dos adolescentes em medida socioeducativa mencionou casos com a polícia:

Uma vez eu corri, eles me pegaram e me bateram, outras vezes pegaram eu perto de outros menino. Pegaram a informação e bateram do mesmo jeito. (Pedro, 17 anos)

Só apanhei mesmo de polícia. Foi trágico, muito ruim. Eles me pegou de porrada mesmo! Eu não estava certo, mas fiquei bolado (aborrecido). (Paulo, 13 anos)

De gangue não só (apanhou) de polícia mesmo. Quando a polícia pegava nós, muitas das vezes gostava de fazer covardia, como sempre. Fazia porque a gente ficava aprontando, fazendo coisa errada. Eu achava que era certo ficar fugindo da escola. (Antônio, 19 anos)

Eu fui só desgastando (antes da privação), usando droga demais, fumando cigarro, bebendo, usando droga, ficando sendo visto aí na rua e apanhando da polícia. Nossa! Eu apanhei demais! (Pedro, 17 anos)

Eles afirmaram que não existia com a polícia somente a violência direcionada, aquela que beira à tortura e a crueldade. Relataram também que sofriam chantagens e extorsões. Alguns policiais usavam da autoridade estatal para exercerem a extorsão, pegar drogas, armas e dinheiro, fazendo ameaças de prisão ou contra a vida.

Já ouvi falar de vários policiais que usavam droga, mas comigo nunca pegaram. Tinha policial que pulava na biqueira, pegava cinco dola de pó e saía andando. Não leva nós pra delegacia. Tem policial que gosta muito dessa droga. (Miguel, 18 anos)

Pegava nós (os policiais) e colocava sacola na nossa cara, essas coisas. Começava a dar soco na barriga. Geralmente eles não leva preso, nós que é menor eles extorque. Depois eles usa pra forjar outras pessoa mais velha, porque eles vai ganhar com isso. Ganha folga, essas coisas (...). Tem uns policiais que tem contato com a criminalidade também” (José, 18 anos)

Eu tava sentado, eles foi e pediu revólver, pegou meu celular e pediu o revólver, falou que se eu não desse revólver eles ia matar eu. Levou eu e começou, levou sacola, enfiou sacola na minha cabeça, pedindo revolver, pedindo pra mim entregar os cara. Isso pra mim, nó, foi muito difícil. Foi Rotam. Sempre quando eles pega assim eles pede revólver. É o que mais tá acontecendo hoje em dia, eles pega e pula na comunidade, pega a gente; não levar preso, pede revolver. E, se você tiver, você dá, ou dinheiro. Você fica solto. Agora, se não tiver, eles te leva. Muitas das vezes forjam para pessoa inocente também. Eles pega um bandido, pega revolver, o bandido dá revolver, fica solto, aí eles pega o revólver e joga em outra pessoa aí. Joga o revólver na pessoa que não tem nada com isso. Também é muito desagradável. Tem vários polícia aí que é bacana. Que é tranquilo, eu conheço; mas tem polícia aí que é ruim». (Francisco, 17 anos)

A rotina dos adolescentes incluía a negociação diária com a polícia, mesmo sabendo que dificilmente teriam voz em um sistema que é excludente. Como dito por Dowdney (2005), os integrantes convivem com a possibilidade e a efetivação do encarceramento e entendem que o risco é inerente à função. Em segundo plano e de forma desproporcionalmente inferior apareceram as violências resultantes das rivalidades no tráfico, “briga” na rua, na escola, na família e com os professores. O quadro a seguir destaca a violência sofrida e a presenciada pelos jovens:

QUADRO 9 - VIOLÊNCIA SOFRIDA E PRESENCIADA

Jovens	Violência Sofrida	Violência presenciada
João	Briga na rua e escola e policial	Policial e violência doméstica
Pedro	Policial	Feminicídio e policial
Paulo	Policial	Rivalidade no tráfico
Rodrigo	Policial	Policial
Antônio	Policial	Cobranças no tráfico
Rafael	Policial	Policial
Miguel	Rivalidade no tráfico	Violência contra a mulher
José	Familiar e policial	Violência doméstica
Francisco	Policial	Policial e Cobranças no tráfico
Vitor	Briga na escola	Rivalidade no tráfico

Leandro	Policial e de professora em creche	Rivalidade no tráfico
Luiz	Policial	Violência doméstica
Leonardo	Policial	Policial

Podemos notar que mesmo diante dessa rotina de violência e extorsão com os policiais militares, na violência presenciada, a metade citou a violência policial. A questão é complexa e os adolescentes já normalizaram ou banalizaram essas ações. Eles também mencionaram que presenciaram violências, tais como a violência doméstica, contra a mulher, entre grupos rivais, resultado de cobranças no tráfico e feminicídio.

Os bandido mesmo lá do bairro, pegando os atividade e batendo neles, na covardia, várias vezes já presenciei. Eles apanhavam porque, na linguagem nossa, dava mole, desrespeitavam morador. Na comunidade morador é em primeiro lugar. Quando usavam droga na frente de criança, várias coisas. (Francisco, 17 anos)

Eu e um amigo meu, nós tava no show da Marília Mendonça, nós tava indo embora e encontrou com uns menino lá, de outra quebrada. Nós brigou com esses menino, era cinco menino, nós brigou e depois eles foi embora. Nós tava na estação do metrô, eles foi e chamou outros menino lá, um bocado de gente. Nós foi e começou a correr, o meu colega ficou pra trás. Eles foi e começou a bater nele, dar pedrada na cara dele. Depois deixou ele jogado lá na linha do metro (Leandro, 18 anos)

Briga entre os meus pais, quando eu tinha 10/11 anos, porque a mãe bebia e o meu pai não concordava. Eles brigavam direto, porque minha mãe bebia e ele queria regenerar minha mãe; mas ele não sabia que aquele modo era errado (com violência), achava que tava certo. Os dois brigava, porque minha mãe também não deita, não deixava barato. (Luiz, 18 anos)

Minha irmã, o namorado dela batia nela. Eu já avancei nele também. Ele matou a minha irmã, ela tinha 20 anos. Foi há 6 anos atrás. Foi preso. Ele pegou 14 anos, matou ela com tiro nas costas, pegou na cabeça, só que veio nas costas. Tava com a minha sobrinha de dois anos no colo ainda. Ela morava com a gente, minha mãe tava em casa, eu vi minha irmã sendo assassinada. Eu tinha 10 anos e meu irmão 13. (Pedro, 17 anos)

5 – PONTOS DE MOTIVAÇÃO PARA OS ATOS DELINQUENTES

Questionados sobre como foram levados aos atos ilícitos os jovens descreveram pessoas, amigos, familiares em meio a desejos e necessidades. Eles compartilharam que precisavam do dinheiro para comprar as mercadorias desejadas, para sanar as necessidades dentro de casa, para “vingar o assassinato” de familiares (provocado pela criminalidade), influência do meio, de amigos,

colegas e familiares, por dependência química, segurança e sentimento de vingança e revolta. O quadro a seguir é revelador:

QUADRO 14 – MOTIVAÇÃO PARA OS ATOS ILÍCITOS

Jovens acautelados	O que acredita que o levou aos atos ilícitos?
João	Necessidades dentro de casa
Pedro	Vingar a morte da irmã e as amizades
Paulo	Influência do meio, por gosto e dinheiro para comprar os pertences desejados
Rodrigo	Dinheiro para comprar os pertences desejados
Antônio	Dinheiro para comprar os pertences desejados e vingar a morte do pai
Rafael	Por gosto
Miguel	Influência do primo e colegas
José	Influência de colegas de infância e da escola
Francisco	Vingar a morte do irmão
Vitor	Influência do irmão e dinheiro para comprar os pertences desejados
Leandro	Dinheiro para comprar os pertences desejados e segurança
Luiz	A droga e a revolta
Leonardo	Dinheiro para comprar os pertences desejados

Não foi a minoria que afirmou que desejava o que alguns conhecidos possuíam, como camisas de marca, “coisas caras”, tênis e, em outro aspecto, respeito e reconhecimento. O desejo despertado não vinha sem a culpa, pois muitos também queriam comida farta na mesa e sossego para as mães e irmãs. Pequena parte entendeu que deveria guardar o dinheiro ou oferecê-lo para a família.

Você vê o cara com roupa de marca, correntinha, boné de R\$400, você tem vontade de comprar um boné de 400 reais. O cara vai, pede a mãe dinheiro e ela não tem condição de dar, aí começa a entrar no mundo do crime. (Leandro, 18 anos)

Eu queria ter um tênis bacana, uma roupa de marca, telefone bom e tal. A gente é ganancioso. Tem vontade de consumir coisa boa. Acho que não é só eu, os outros também. (Leonardo, 19 anos)

Colegas que tipo cresceram comigo ali, estudaram na mesma classe que eu. Foi mais isso também. No dia eu tava nervoso com meu pai também, quando teve a nossa briga. Depois, meu pai quando eu tava na rua me dava conselho e eu nem olhava pra cara dele. Foi mais isso aí. (José, 18 anos)

A pesquisa revelou que os adolescentes desejavam a inclusão no mercado em tempos de “sociedade do consumo”. Bom frisar que objetos, camisas de marca, tênis do ano, ainda produzem respeito, reconhecimento e visibilidade. Nas palavras de Rodrigo: “o que eu queria era dinheiro mesmo. Pra comprar roupa, pra trazer *status*. (Rodrigo, 17 anos). A simbologia da busca pela ostentação marca a pele da maioria dos jovens. A influência do meio, de amigos, colegas e familiares favoreceu a inserção do adolescente no tráfico. A pesquisa revelou que o valor alcançado em uma semana nesse mercado do varejo do tráfico é muito mais rápido e maior do que o resultado do trabalho formal. O senso comum pode chamá-los de vagabundos ou pessoas que não desejam trabalhar. De todo modo não podemos desconsiderar o fato de que o “correr” pelo dinheiro não é somente pelas drogas e mercado de consumo, mas também para sustento das famílias.

Um dia me falaram: Você num quer pegar maconha para vender para mim? A minha resposta foi sim. A primeira foi 15 dola (trouxinhas de entorpecentes), depois peguei 50. Uma vez que eu vendi um quilo para mim só, sem intermédio do patrão. Onde eu achei que podia levantar, pegava um quilo, depois mais meio quilo; só que não. Eu gastei tudo comigo. Um quilo deu R\$1.500 pra mim, fosse para contar, ia dar quatro mil reais; mas eu não vi os quatro mil reais. Gastei tudo antes. Onde eu já fui perdendo o gosto de vender droga e comecei a roubar. Peguei dois 157 (passagens por roubo). No 157 também eu não ganhei muito, onde eu comecei a ficar só na biqueira. Não vendia droga. Ficava só lá com os meninos na biqueira. (Miguel, 18 anos)

A entrevista em destaque, dentre tantas outras, nos mostra um caminho. Caminho contraditório, dado que muitos jovens haviam se revoltado com a criminalidade por conta do assassinato de familiares, mas decidiram que a única forma de vingança pela perda do ente próximo era aderindo ao jogo das violências, uma espiral sempre cruel e que tende a se repetir com violência. O limite, como sabemos é a morte e a continuidade do jogo com outros atores (Soares *et al*, 2005).

A fome e a miséria foram mencionados. Essa necessidade básica dentro de casa provocava culpa nos adolescentes pelo simples fato de existirem na comunidade. Vários declaram se sentirem como “estorvos”, “problemas”, “gente que incomoda” ou “que não deveria existir”. Na escassez do emprego e sem possibilidades de ficarem na escola, devido a temporalidade do tráfico a pesquisa identificou o inconformismo onde a criminalidade se apresentava como alternativa para um futuro “próspero”. A dependência química também intensificou o contato deles com as pessoas envolvidas no mercado a varejo do tráfico. O vício tornou-se necessidade e o adolescente raramente conseguia se livrar do ciclo vicioso de venda e uso. A maioria afirmou que, a despeito da reduzida renda familiar, eles não conseguiriam “sustentar o vício”. A necessidade da droga se somou à revolta

já mencionada, dado que os adolescentes, longe dos responsáveis, têm dificuldade de lidarem com conflitos existenciais e condições de vida inadequáveis. Rumo a visibilidade, pelo menos para um grupo definido em seu território, restou racionalmente a venda de drogas no varejo e a inserção consciente em atos ilícitos.

6 - CONCLUSÃO

Os adolescentes entrevistados cumprindo medidas socioeducativas não deixam de nos revelar sociabilidade complexas, contraditórias e contínuas. Sabemos os limites do ECA e de como a sociedade vem lidando com a guinada adultocêntrica na contemporaneidade. Também não podemos deixar de mencionar o problema da pobreza, da miséria e da desigualdade econômica e social. De alguma maneira tais temáticas perpassam a vida do menor no Centro Socioeducativo em pesquisa e daqueles que ainda não foram capturados pelo sistema. Nessa conclusão chamamos atenção para três pontos que merecem lembrança:

Em primeiro lugar, é claro que os adolescentes se inseriram no tráfico a varejo em busca de dinheiro, status e reconhecimento. Mas também é verdade que tinham a intenção de melhorar as condições sociais da família, notadamente da mãe e das irmãs. Essa relação foi quase unanimidade entre os entrevistados. A maioria se mostrou preocupado com os dias do amanhã das mulheres que se encontravam em casa. Disseram das dificuldades que tiveram na vida e narraram o perigo da criminalidade, notadamente quando perdiam as drogas ou lidavam com a polícia.

Em segundo lugar, é necessário dizer que não existe de fato um posto garantido na organização simplória das “bocas de fumo”. Em geral, os adolescentes se revezavam em aviõezinhos, vapores e olheiros. Lidavam com o “patrão”, o homem endinheirado, dono da boca e que tinha como interseção alguns garotos como gerentes. É ilusória, no caso em tela, pensar em um crime desorganizado que se transformaria em criminalidade organizada na base da experiência, da temporalidade do tráfico e do aumento de pessoas no grupo. Os adolescentes do grupo entrevistado estão longe disso. Não cabem comparações com o que é mostrado nos jornais, nas redes sociais, na internet e em algumas pesquisas. Em hipótese nenhuma eles apareceram como mecanismos sustentáveis do “crime organizado”. A maioria está sempre ansiosa, com medo e desconfiada. Sem falar que são pobres e que abandonaram a escola, apesar das tentativas frustradas de continuidade.

Por último, é preciso dizer sobre o abandono desses adolescentes em plena vida ativa e repleta de energia. Longe do pai e em contato dramático com a mãe, a maioria teve como influência para entrar no tráfico a ação de “amigos”, “colegas”, “adultos” e familiares. A despeito de alguns aparenta-

rem certa estabilidade com casa própria e pais empregados, a influência “para ganhar dinheiro fácil” foi o chamado perfeito. No entanto, o mundo da criminalidade se empenhou a abrigá-los como soldados. Não ao acaso, eles aprenderam a usar armas, saber por onde fugir ou como lidar com policiais que se vendem no arrego. Aparentam ser adultos na troca de olhares ao falarem dessas relações. São resignados, ressentidos e fortes. Mas demonstram a rigidez cognitiva para certos assuntos, o medo em circunstâncias complexas no território e receio constante de tomarem prejuízo dos traficantes que não residem por perto. Finalmente, ainda nesse caso, é preciso dizer sobre as limitações do ECA e das novas configurações da criminalidade à varejo que comporta o uso de técnicas econômicas. Também é preciso afirmar que o Estado continua leviano e ausente no campo das políticas públicas e segue, inclusive historicamente, abandonando e omitindo políticas que certamente diminuiriam ou colocariam fim ao tráfico à varejo.

REFERÊNCIAS

ALVIM, M. R. B. & VALLADARES, L.P. Infância e Sociedade no Brasil: uma análise da literatura. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais – BIB**. Rio de Janeiro, ANPOCS, 26, 3-37, 1988.

ATHAYDE, C. e BILL, MV. **Falcão**: mulheres e o tráfico. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2007.

BARCELLOS, Caco. **Abusado**. O dono do morro Dona Marta. Rio de Janeiro - São Paulo: Ed. Record, 2008.

BARROS, Lúcio Alves de. **Educação encarcerada**: estudos sobre mulheres reclusas e estudantes. Curitiba: Ed. CRV, 2020.

BARROS, Lúcio Alves de; SILVA, Dayana Lourdes. **A criança e o adolescente em vulnerabilidade social**. Um longo caminho até o ECA. Revista Asa-Palavra/Faculdade ASA de Brumadinho. Ano XIX, v. I. n. 37, ago./dez. Brumadinho (MG), 2022.

BATISTA, Vera Malaguti. **Difíceis ganhos fáceis**: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BECKER, Howard S.. **Outsiders**: Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro, 2008.

BERGER, P. L. e LUCKMANN, T. **A construção da realidade social**. Petrópolis / Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 1996.

BRASIL, **Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012**. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). Diário Oficial da União, Brasília, 2012.

BRASIL. Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, Departamento da Criança e do Adolescente. **Lei Federal 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. Brasília-DF, 1990.

CALDEIRA, Teresa Pires. **Cidade de muros**. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34 / Edusp, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo caminho. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2001. 236 p.

DAMATTA, Roberto da. **A casa e a rua**. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1991.

DOWDNEY, Luke. **Crianças no tráfico**: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003

DOWDNEY, Luke. **Nem guerra nem paz**: Comparações internacionais de crianças e jovens em violência armada organizada. Tradução de Ricardo Gomes Quintana. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

GOMIDE, Paula. **Menor Infrator**: A caminho de um novo tempo. 2ª Ed. Curitiba: Editora Juruá, 1998.

PAULA, Liana. Encarceramento de adolescentes: o caso FEBEM. In: LIMA, Renato Sérgio de; PAULA, Liana de (Org.). **Segurança Pública e Violência**. O Estado está cumprindo o seu papel? São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

PAULA, Liana. **Liberdade assistida**: punição e cidadania na cidade de São Paulo. São Paulo. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia da USP – FFLCH/USP, 2011.

PAULA, Liana de. Justiça Juvenil. In: LIMA, Renato Sérgio de; RATTON, José Luiz; AZEVEDO, Rodrigo. G. (Org.). **Crime, Polícia e justiça no Brasil**. São Paulo: Ed. Contexto, 2014.

ROLIM, Marcos. **A síndrome da Rainha Vermelha**: policiamento e segurança pública no século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. e BRUSCHINI, C. (Org.). **Uma questão de gênero**. São Paulo: Ed. Rosa dos Tempos, 1992

SILVA, Dayana Lourdes; BARROS, Lúcio Alves de. Documento. **Entrevistas com adolescentes sentenciados em um Centro Socioeducativo na Região Metropolitana de Minas Gerais (RM-MG)**. Belo Horizonte, 2022.

SOARES, Luiz Eduardo *et al.* **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005.

SOUZA, Jessé. **Os Batalhadores Brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

ZACCONE, Orlando. **Acionistas do nada: quem são os traficantes de droga**. – Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2007.

ZACCONE, Orlando. **Sistema penal e seletividade punitiva no tráfico de drogas ilícitas Discursos Sediciosos**. Crime, Direito e Sociedade, ano 09, número 14, 1º e 2º semestre de 2004.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.

ZALUAR, Alba. **Condomínio do Diabo**. Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 1994.

ZALUAR, Alba. Violência e juventude: uma perspectiva antropológica. In: FRAGA, F. C. et al. **Dez olhares sobre**: Juventude e cultura. Belo Horizonte: Ed. Secretaria da Juventude (MG), SEDESE, UNESCO, UNICEF, 2011.